



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO- UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

***Dobras e Redobras na Construção do Sujeito Sexual- Professoras: Uma
Análise Crítica da Educação Sexual nas Revistas Femininas Adultas***

por: *Luciana de Moura*



Rio de Janeiro
2005

LUCIANA DE MOURA

***Dobras e Redobras na Construção do Sujeito Sexual- Professoras: Uma
Análise Crítica da Educação Sexual nas Revistas Femininas Adultas***

Rio de Janeiro
2005

LUCIANA DE MOURA

Dobras e Redobras na Construção do Sujeito Sexual- Professoras: Uma Análise Crítica da Educação Sexual nas Revistas Femininas Adultas

Trabalho de Monografia apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO, como requisito para obtenção do grau de graduação, orientado pelo professor(a) Dr^a Maria Amelia Gomes de Souza Reis

Rio de Janeiro
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO DE PEDAGOGIA
ALUNO(A): LUCIANA DE MOURA

Dobras e Redobras na Construção do Sujeito Sexual- Professoras: Uma Análise Crítica da Educação Sexual nas Revistas Femininas Adultas

Trabalho apresentado à disciplina
Monografia II, como pré-requisito
de avaliação orientado pelo(a)
professor(a) Dr^a Maria Amelia
Gomes de Souza Reis

Rio de Janeiro
2005

LUCIANA DE MOURA

*Dobras e Redobras na Construção do Sujeito Sexual- Professoras: Uma
Análise Crítica da Educação Sexual nas Revistas Femininas Adultas*

Avaliado por:

Profa. Dr^a

Data: / /

Rio de Janeiro
2005

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Waldyr e Nelly pelo carinho, ao meus irmãos Marcelo e Alexandre e minha cunhada Simone pela compreensão, à amigas do grupo de pesquisa e extensão: Danielle, Patrícia, Eunice, Daisylane e Rosana, as novatas que vieram somar ao grupo: Camila, Denise, Roberta, Paula, Paola, Fernanda, e em especial a Professora Dr^a Maria Amelia, na qual me esmero como exemplo de profissional pela luta da escola pública de qualidade.

AGRADECIMENTOS

À Deus por manter viva a minha fé e esperança em vencer mais essa etapa em minha vida.

RESUMO

O presente trabalho monográfico objetiva investigar como se construíram os saberes sexuais nos últimos dos séculos, tendo como foco principal como os mecanismos disciplinares e coercitivos presentes nas instituições escolares e na mídia impressa - as revistas femininas- forjaram / forjam os processos de subjetivação responsáveis pela construção dos sujeitos-sexuais das professoras. Seguindo os princípios metodológicos da arqueologia- genealogia do filósofo Michel Foucault, assim como os referenciais teóricos relativos à memória ensinados por Walter Benjamin, em uma perspectiva histórica que se define pela ruptura e descontinuidade; buscar-se-á desvelar alguns dos como e lugares onde se assinalam as rupturas, a partir das histórias de vida, das emoções, dos disciplinamentos, das imagens, dos discursos, das coerções de corpos e mentes que constituíam os saberes sexuais das professoras pesquisadas. Para tal, foi utilizado o método de cunho etnográfico de observação participante - oficinas pedagógicas mensais - seguindo uma perspectiva de pesquisa qualitativa e participante que coloca em foco contribuições coletivas e trocas de saberes facilitadores da (re)construção dos processos e das relações que configuram a experiência escolar diária. A análise dos discursos das profissionais do ensino, tomadas a partir da análise das revistas citadas, revelaram- nos, que as essas revistas representam o ideário universalista que adota o biológico como verdade para entender a sexualidade, e que, ainda, as escolas brasileiras são intrinsecamente orientadas para disciplinamentos, ênfase na razão e no controle, preocupando-se em conhecimentos especializados. Entretanto, esse complexo eixo da vida humana, a sexualidade, conforme nos alerta Foucault, pede a observação e atenção para as tênues fronteira entre desejos e prazeres. Neste sentido, o reconhecimento dos mecanismos coercitivos e disciplinadores, presentes nos discursos das revistas femininas, nas instituições escolares, nos trazem a necessidade de investir na formação continuada das professoras; trazendo como foco de trabalho a sua própria sexualidade e a investigação pelas mesmas dos mecanismos que as construíram enquanto sujeitos sexuais, o que poderá facilitar a inclusão de enunciações e práticas educacionais atualmente postas para fora do discurso pedagógico e alijadas do cotidiano de nossas escolas.

Palavras-chave: revistas femininas, sexualidade, professoras

ABSTRACT

The present monograph investigates as the sexual knowledge was built in the last of the centuries. The main focus is to know as the disciplinary and coercive mechanisms are presented in the school institutions and in the printed media - the feminine magazines - they forged / they forge the processes of subjectivity which are responsible for the construction of the sexual subject of the teachers. Following the methodological beginnings of the archaeology and the genealogy by Michel Foucault philosopher, as well as the relative theoretical references to the memory taught by Walter Benjamin, in a historical perspective that is defined for the rupture and discontinuance; it will be looked for to watch some of the appropriation manners of the sexual knowledge and of the places where the ruptures are marked, to start from the life histories, the emotions, the disciplines, the images, the speeches, the coercions of bodies and minds that constituted the sexual knowledge of the researched teachers. For such, it was used the method of ethnographic stamp of remark - monthly pedagogic workshops - a perspective of qualitative research with participation that places in focus collective contributions proceeding and changes of knowledge, facilitating of the remake of the processes and of the relationships that configure the daily school experience. The analysis of the professionals' of the teaching speeches, taking from the analysis of the mentioned magazines, revealed us, that those magazines represent the universal idealism that adopts the biological as truth to understand the sexuality, and that, still, the Brazilian schools are intrinsically guided for disciplines, emphasis in the reason and in the control, worrying in specialised knowledge. However, that complex axis of the human life, the sexuality, according to us alert Foucault, asks the remark and attention for the thin borders between desires and pleasures. In this sense, the recognition of the coercive and disciplining mechanisms, presents in the speeches of the feminine magazines, in the school institutions, bring us the need to invest in the continuing teacher education; bringing as work focus its own sexuality and the investigation for the same of the mechanisms that built them while sexual subjects, what will be able to facilitate the inclusion of enunciations and educational practices actually outside cuts of the pedagogic speech and smuggled of the daily of our schools.

Keywords: feminine magazines, sexuality, teachers

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1- <i>Uma breve história vivida: Onde e como tudo começou</i>	11
CAPÍTULO 2- <i>Saberes sobre sexualidade escolar: Entre o prazer e a disciplina</i>	15
CAPÍTULO 3 - <i>A história da mídia impressa no Brasil: Saberes e poderes sexuais nas revistas femininas</i>	21
CAPÍTULO 4 - <i>A análise da ordem dos discursos midiáticos: As revistas femininas na construção dos discursos sexuais das professoras</i>	25
CAPÍTULO 5 - <i>Os doces corpos nas revistas femininas adultas</i>	54
CAPÍTULO 6 - <i>Considerações finais: Para não concluir</i>	70
<i>Referências Bibliográficas</i>	76
<i>Anexos</i>	79

Uma breve história vivida: Onde e como tudo começou...

(...) um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que antes e depois.

Walter Benjamin

O interesse pela temática desta monografia teve início no âmago das ações pedagógicas no Projeto de Extensão: “Nexus e Sexus na Formação Continuada dos Docentes” realizado junto as professoras¹ e orientadoras pedagógicas do Município de Queimados².

Este projeto, coordenado pela Professora Dr^a Maria Amelia Gomes de Souza Reis, busca compreender como se forma(ram) os discursos sexuais dessas profissionais de educação, sob o aparato teórico-metodológico de Michel Foucault, que possibilita pensar a sexualidade numa ótica até então não discutida, como um dispositivo histórico de poder.

Ao longo dos nossos encontros, ganharam notoriedade, as seguintes falas das professoras queimadenses: “os professores estão sempre lendo e escrevendo sem refletir sobre temas polêmicos de sua prática educativa”, “eu leio as dicas de beleza e de sexo nos jornais, nas revistas, pois o resto só traz desgraça”, “eu só gosto de ler em revistas femininas o que os especialistas escrevem sobre sexo”. Assim, a partir desses discursos, surgiu a necessidade de se discutir a natureza dos poderes contidos nos discursos midiáticos e sua influência na construção do sujeito-sexual das professoras, uma vez que a sexualidade emergia em cada uma das nossas ações junto as professoras. Refletindo junto ao nosso grupo de pesquisa e estudos das teses de Michel Foucault sobre poderes e saberes sobre o sexo, tomou a forma o tema em tela e sua delimitação à natureza de como as revistas femininas adultas³ educam as mulheres-professoras, esclarecendo suas dúvidas sobre suas sexualidades.

¹ As oficinas extensionistas são realizadas mensalmente, com aproximadamente vinte participantes permanentes das 37 escolas do ensino fundamental, pertencentes a rede municipal do Município de Queimados.

² Município da Baixada Fluminense, distante uma hora e meia do município do Rio de Janeiro onde se situa a UNIRIO.

³ Foram escolhidas, aleatoriamente, para esta monografia, algumas edições das revistas Nova e Criativa de 1999, 2000 e 2001.

Ao trazermos marcas de histórias descontínuas⁴ que constituíram essas mulheres-professoras, me aproximo de caminhos percorridos ao longo da minha vida acadêmica - dia, meses, anos vividos no convívio como aluna - construindo-me enquanto professora e como sujeito de uma história inacabada, inusitada, de discursos e verdades passageiras, que de antemão, pouco se sabe a que direção nos leva.

“Marcas do que se foram, sonhos que vamos ver”⁵, foram deixados e (re)contados, ao longo da minha história como mulher e estudante de uma escola que privilegia a disciplina, a obediência e a coerção de corpos e mentes, em vez da troca, do diálogo, da reflexão, do prazer em aprender, da educação como uma prática de liberdade e autonomia.

Cabe ressaltar, que a escolha pelas “professoras” nesta monografia, não desqualifica a importância dos saberes masculinos, pois segundo Reis (2002) “ (...) é notória a participação de todos, professores e professoras, homens e mulheres, idosos, adolescentes e crianças nas construções sociais e humanas, produto de múltiplas conjugações e prevalências”. Coube-nos, apenas, optar por saberes quase sempre não legitimados, e por vezes desacreditados: os saberes femininos. Para Aristóteles, “A fêmea é fêmea em virtude de certa falta e qualidade”. “A mulher é mais vulnerável à piedade (...). É menos digna de confiança (...)” (in ALAMBERT, 1986).

Tais valores e pensamentos influenciaram de tal maneira a representação da imagem da mulher que por muito tempo acreditou-se que as mulheres eram inferiores aos homens, mais emotivas e que tinham uma inclinação natural/biológica para as atividades relacionadas à vida doméstica, à zelar e educar o outro.

Entendendo que as relações humanas são compostas de uma multiplicidade de

⁴ Se, para Foucault, a noção de história, não deve se tratar de forma linear e neutra, que segue uma seqüência casual e cronológica, mas sim como uma história que não obedece à noção de uma sucessão progressiva, linear, mas há de continuidade e descontínuidades. In: Portocarrero. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências- abordagens contemporâneas*. Fiocruz, 1998.

⁵ Trecho de uma música – um “jingle” usado nos anos oitenta na propaganda do Banco Bamerindos do Brasil.

sentidos e conhecimentos, trago à fala de Marina Silva⁶, mulher e senadora, que, em momentos difíceis de sua vida no mundo dos homens apela para a poesia, narrando em seus versos sentimentos de uma vida, onde germinam contradições, alegrias, lutas e conquistas:

No sofrimento somos Maria,
Mãe de um Deus assassinado.
Marias, sem alegria.
Dor sem futuro e passado.
a renúncia somos Amélias, de uma triste verdade.
Amélias sem sonho, desejo ou vontade.
No preconceito, Madalenas: ao pecado
e à culpa predestinadas.
Só no amor temos os nomes
e as formas de nossa estima;
Velha mãe, jovem formosa
E, eternamente, menina.

Trago uma *singela* homenagem as *Marias, Janáimas, Luizas, Lucianas, Anas Júlias, Amélias, Madalenas*, mulheres, brasileiras, cantadas em versos, que em meio a trajetórias ajudaram a construir o nosso País:

Maria, Maria

Milton Nascimento

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia,
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta
Uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta (bis)
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manhã
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida

Mulheres e professoras, com efeitos dos sentidos, de agora e de ontem, que ligado às tradições e a religiosidade reforçam imagens, discursos em um passado em que ser professora

⁶ In: REIS *Lógicas dos Sentidos, Sexualidade e Educação de Gênero: Questões Nascentes*. Semana Nietzsche-Deleuze. O Devir

era das poucas profissões de status, por ser considerada a profissão das mulheres honestas, e permitida pelos homens, desde que não fossem abandonados os afazeres domésticos e os cuidados a serem dispensados no *ethos* familiar. Não é por acaso que os cursos de formação de professores e de Pedagogia raramente se constituem na primeira escolha dos homens (REIS, 2004).

É, nesse caos lisérgico mundano, que presente-passado-futuro se (re)encontram na luta inacabada das mulheres e do feminismo no ocidente. E, é ainda na esperança de um “futuro melhor” que as mulheres–professoras pesquisadas conseguem conservar o seu otimismo e compromisso com uma “educação para a liberdade”⁷.

Na convicção de que a educação escolar “não pode fazer tudo, mas pode fazer alguma coisa”, como afirmava nosso educador Paulo Freire (1991), essa alguma coisa que, a cada dia mais nos impele para o fazer, como compromisso reivindicatório à exigência de um projeto político nacional que, efetivamente coloque a educação pública voltada aos interesses das camadas populares e de seus profissionais, como argumenta Reis (2002) levou-me a escrever esta monografia no âmbito daquilo que designo: *Dobras e Redobras na Construção do Sujeito Sexual- Professoras: Uma Análise Crítica da Educação Sexual nas Revistas Femininas Adultas*. Neste sentido, este projeto monográfico busca investigar como se construíram os saberes sexuais ao longo da história da sexualidade, tendo como foco principal como os mecanismos disciplinares, coercitivos das instituições escolares e da mídia escrita- as revistas femininas- forjaram/forjam os processos de subjetivação responsáveis pela construção dos sujeitos sexuais das professoras, uma vez que pesquisas de Reis (2002), Corrêa (1998), têm indicado que as adolescentes recorrem a este meio educativo para suprir suas dúvidas mais imediatas sobre a sexualidade e o sexo.

Importou-nos, também, apreender aquilo que fala e que se inscreve nos discursos

Mestre: Entre Deleuze e a Educação. UERJ, 2004.

⁷FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

dessas mulheres. Este entendimento com base na concepção foucaultiana de discurso, é visto como uma prática que forma os objetos que fala e que se associa a uma concepção específica do sujeito, lugar por excelência dos investimentos do poder e do saber. Segundo, Foucault (1990), o reconhecimento de tais mecanismos e discursos, poderá facilitar a construção de uma outra perspectiva de formação docente que possibilite a inserção de enunciações e práticas educacionais atualmente postas para fora do discurso pedagógico e alijadas do cotidiano escolar.

Saberes sobre sexualidade escolar: Entre o prazer e a disciplinação

Ninguém vive bem sua sexualidade numa sociedade tão restritiva, tão hipócrita e falseadora de valores; uma sociedade que viveu a experiência trágica da interdição do corpo com repercussões políticas e ideológicas indiscutíveis; uma sociedade que nasceu negando o corpo. Viver plenamente a sexualidade sem que esses fantasmas, mesmo os mais leves, os mais meigos, interfiram na intimidade do casal que ama e que faz amor, é muito difícil. É preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais ou menos em paz com a sexualidade.

Paulo Freire

Sexualidade é um conceito em disputa, historicamente, e a depender o autor, do olhar do informado, da área de conhecimento, dos autores em suas vivências e ideários toma acentos particulares e se confunde com distintos construtos da vida. As palavras do grande educador Paulo Freire “(...) ninguém vive bem sua sexualidade numa sociedade tão restritiva, tão hipócrita e falseadora de valores”, traduzem com êxito as dificuldades de se viver bem a sexualidade em nossa sociedade.

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, subjetividade, orientação sexual, erotismo, tabus, envolvimento emocional, preconceitos, amor, coerções, reprodução e prazer. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, discursos, desejos, crenças, atitudes, valores, práticas sociais e relacionamentos. No século XX, existiu uma clara tendência de alguns teóricos – Foucault (1990), Cortez e Souza (1997) – de que a

sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é a própria vida, que envolve além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

Campos do conhecimento foram sendo criados e especializados em torno do debate sobre a sexualidade. Freud e outros autores demonstram, por intermédio de estudos de casos clínicos e pesquisas, a complexidade e as sutilezas envolvidas na compreensão deste importante eixo da vida humana.

No início do século XX, diferentes formas de saber - ginecologia, pediatria, psicologia- problematizaram o indivíduo, dando espaço para o movimento médico- higienista, em que, pela primeira vez, os corpos não eram apenas temas de estudos, mas de intervenção (ABRAMOVAY, 2004).

Em alguns relatos das professoras queimadenses, foi exposto que a intervenção na escola no campo da sexualidade além de complexa, possui riscos, considerando-se que para alguns pais a escola não é lugar para se *ensinar saliências*, mas também se documenta que a maioria dos responsáveis são favoráveis à discussão sobre sexualidade nas escolas. Esses por estarem cada vez mais distantes de seus filhos, na medida que saem para trabalhar, acham importante que a escola interfira, ou melhor, discuta sobre o assunto, pois se preocupam com as suas crianças, que estão sendo “educadas” sexualmente pelos “amigos”, pela mídia, que, conforme Babo (2000) é um veículo que mais reproduz estereótipos, preconceitos sobre o tema, dificultando a construção de uma sexualidade para o bem estar dos indivíduos, sem que se resvale em moralismos e repressões.

(Re)visitando memórias da minha trajetória como estudante, bem como das professoras pesquisadas por intermédio das nossas ações extencionistas, ganham notoriedade relatos, de ontem e de hoje, que a escola é intrinsecamente orientada para disciplinamentos, ênfase na razão e no controle, preocupando-se em conhecimentos especializados e ensinar

para a vida coletiva para o trabalho e consumo, ideário neocapitalista de verdade. Porém, a sexualidade, pede a observação de desejos e atenção para as tênues fronteira entre o prazer, a libido.

Para Foucault (1990), haveria duas formas de apropriação da sexualidade por saberes: *scientia sexualis e ars erotica*. Enquanto, na primeira prevaleceria a preocupação com os discursos científicos e a reprodução, o que afirmaria o lugar da medicina no disciplinamento dos corpos (FOUCAULT, 1994). Na segunda, a tônica seria a busca pelo prazer e a subjetividade.

Considerando a tipologia de saberes sobre sexualidade, proposta por Foucault (1990) e Cortez e Souza (1997: 20), observaram que a escola, ainda hoje, mas se adequa ao formato *scientia sexualis*. A ênfase no discurso científico sobre sexo na escola viria sendo atualizado, não tanto mais com a preocupação de regular a reprodução, mas pelo eixo da prevenção contra a Aids, o que mais distância a escola do ideário de uma *ars erotica*:

(...) a escola está certamente filiada a uma tradição iluminista que se fundamenta na idéia de que o conhecimento científico tem um potencial libertador. No que tange à sexualidade, a escola não é herdeira da ars erotica, mas da scientia sexualis...

(...) a informação sobre sexo destinada à criança por meio dos manuais de educação sexual, se apóia na fisiologia do aparelho genital, de forma tal que qualquer criança percebe que um livro educativo explica tudo, menos(...) o prazer (ou a angústia) do exercício da sexualidade.

(...) nesses tempos de Aids, analisa-se o sexo como coisa biológica, só que, curiosamente, já não está mais ligado à reprodução (...), mas à totalitária, paradoxal e angustiante obrigação de saúde e prazer.

Ao contrário do que se pensa, a escola, segundo Foucault (1990: 32), determina as condições do funcionamento dos discursos sobre sexo, pois vem falando sobre sexo há séculos, não havendo um “mutismo” em relação ao assunto. Os colégios do século XVIII, vistos em sua totalidade, parecem omitir-se, mas observados e analisados os seus mecanismos de funcionamento, articulados entre si, fala-se, o tempo todo, de sexo. A escola surge como um microespaço de poder que controla o sexo dos alunos de forma pensada e articulada:

Consideremos os colégios do século XVIII. visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí praticamente não se fala em sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo. O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separações, com ou sem cortina), os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. O que se poderia chamar de discurso interno da instituição - o que ela profere para si mesma e circula entre os que a fazem funcionar - articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente.

Uma parcela significativa do discurso sexual escolar, é entendida por Foucault (1990:32) como sendo o dito (a fala dos especialistas) e o não dito (sua estrutura arquitetônica), concentrando-se, sobretudo, no controle das crianças e adolescentes desde o século XVIII. Ao longo da história, este discurso vem envolvendo não só os chamados especialistas, como também os pais e responsáveis, além dos próprios educandos. Nas palavras do filósofo:

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes (...). Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discursos que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa - tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação dos discursos.

No livro *História da Sexualidade I*, o referido autor, destaca que na Idade Média, tínhamos um discurso unitário sobre o sexo, pautado nos “pecados da carne”. Pecados que precisavam ser confessados para serem perdoados. Para Foucault (1990: 35), nos três últimos séculos, este discurso unitário da “confissão foi disperso em discursividades distintas, que tomaram forma na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na crítica política”

O discurso cristão, então, pautado nos “pecados da carne” foi aos poucos sendo rompido e diversificado pelo discurso científico, que não deixou, no entanto, de aproveitar do referido discurso o que lhe interessava. Ou seja, o discurso unitário da Idade Média em torno da sexualidade foi aos poucos se fragmentando nas diversas ciências surgidas, cada qual discutindo de acordo com o seu “olhar” teórico, procurando dar respostas para questões que

até então não passavam de mais um fato do cotidiano. Assim, para Foucault (1990: 100) a sexualidade, nos últimos três séculos, vem atuando sobre os indivíduos e a sociedade em geral, funcionando como

(...) uma grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a incitação ao discurso, (...) o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Segundo Foucault (1990: 98), a partir do século XVIII começa a se multiplicar o número de instituições disciplinares e aperfeiçoam-se as já existentes, objetivando, com isso, maior eficácia em sua função disciplinadora do corpo e do sexo dos indivíduos. Assim, escola aparece como um dispositivo de poder, mas não é o único; visto que o autor citado entende que o quartel, o Estado, a igreja, a família, a prisão, como microespaços de poder, onde o discurso sexual se faz presente. Portanto, a sexualidade é um dispositivo histórico muito concreto de poder. Em sua percepção, ela aparece nas sociedades ocidentais como

um ponto de passagem particularmente denso das relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população.

Ainda, no século XVIII (o século das luzes), os médicos investem sobre a criança e na sua sexualidade, na medida em que a criança se constituía no futuro cidadão proclamado pela Revolução Francesa. O investimento nela era vital para a sociedade européia que se realinhava: a burguesia. Além de entrarem na família, os pedagogos e médicos eugenistas, em nome de uma saúde pública, entram na escola. Se a família não estava dando conta da educação sexual das crianças, a escola aparecia como possibilidade. A criança é “objeto” pois, na questão do sexo ela é problema e ao mesmo tempo solução:

Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, e dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações para eles redigirem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais prolifera em torno do colegial e de seu sexo. (FOUCAULT, 1990, p. 31)

É no século das Luzes que propicia o aparecimento de toda uma literatura médico-pedagógica sobre a sexualidade do colegial. Elabora-se um discurso normalizador do sexo que é absorvido pela escola. Segundo Foucault (1990: 31), na Alemanha, chega-se a organizar uma escola de caráter experimental “cuja característica particular consistia num controle e numa educação sexual tão bem pensados que nela o pecado universal da juventude nunca deveria ser praticado”, o pecado do sexo.

Conforme, o autor citado anteriormente, a sexualidade se inscreve nas mais variadas relações de poder existentes na sociedade, do pai para o filho, do homem para a mulher, do professor para o aluno, do médico para o paciente, do governo para a população, etc. Desta maneira, a sexualidade mostra ser um dos elementos mais eficazes de controle sobre o sujeito e a sociedade, atuando há mais de três séculos:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade; utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.
(FOUCAULT, 1990, p. 98)

Desta forma, presente nas mais diversas relações de poder e em variados espaços, a sexualidade ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas; é tema de a ser abordado na sala de aula, muitas vezes pelo professor de Biologia e na mídia, é assunto de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas.

O contato com a extensão universitária, trouxe-nos a possibilidade de associar textos de Foucault, aos textos enunciados pelas professoras queimadenses e, ao mesmo tempo, (re)pensar quais os mecanismos de poder interferem no saber sexual das professoras, assim, veremos na fala de uma professora, que após uma narrativa informal⁸, destaca a importância da mídia como formadora de opinião dos saberes relativos ao sexo. A professora será identificada como o nome fictício de Maria⁹:

⁸ Essa narrativa informal, foi recolhida no dia 26 de Junho de 2003, em meio as nossas atividades extencionistas em Queimados.

⁹ Os nomes fictícios serão usados nesta monografia, a fim de que se preserve a identidade das professoras pesquisadas.

A mídia é hoje formadora de opinião sobre os saberes sexuais. Ela, muitas vezes, dita comportamentos, controla pensamentos. Se esta influi no saber da professora, conseqüentemente, influirá no sua prática pedagógica e no saber de seus alunos.

Apesar de os “trabalhos” de Foucault, que vêm sendo balizadores de discussões em diversas áreas do conhecimento humano, não tenha explicitado a instituição midiática, como sendo capaz de formar uma rede de saberes e poderes sobre o sexo, a nossa intenção é privilegiar tal instituição, no próximo capítulo: *A história da mídia impressa no Brasil: Saberes e poderes sexuais nas revistas femininas*, trazendo análises sobre a questão da sexualidade na mídia escrita- as revistas femininas- e refletindo sobre a sua influência na educação sexual das mulheres brasileiras.

A história da mídia impressa no Brasil: Saberes e poderes sexuais nas revistas femininas

Produto de uma demanda social e de um contexto histórico que definem seus rumos, a imprensa feminina e sua história, se confunde com a história da própria imprensa surgida a partir da invenção de Gutenberg em torno de 1450. O primeiro registro de uma publicação voltada às mulheres data de apenas um século depois: em 1554 circulava em Veneza *Il libro della bella donna*, de F. Luigi, de acordo com Mary Del Priore (2000). A partir de então, o fenômeno da revista feminina desde seus primórdios, de modo crescente manteve conquistando seu espaço em um mercado social que movimenta números altíssimos e estimula alianças e concorrências ferozes no setor econômico. O fenômeno surgiu na Europa, no século XVIII, tendo crescido com muita vitalidade, alcançando hoje a posição de segundo lugar no ranking das revistas, ficando atrás apenas das tiragens das revistas de informação semanais.

Os periódicos dependiam do serviço dos correios até então. Na segunda metade do século XIX, a imprensa feminina aumentou seu alcance em função do crescimento industrial.

Dessa forma, a imprensa feminina, que em princípio era luxo para poucas, as que sabiam ler, expandiu-se por toda Europa e Estados Unidos. Na França, a partir da Revolução Francesa, na Itália, concomitante à luta pela independência, e na Alemanha surgiram, os primeiros periódicos femininos com conteúdo político: discursos revolucionários clamavam pelos direitos das mulheres, estrutura estatal e jurídica de proteção do trabalho feminino, restabelecimento do divórcio, ação de investigação de paternidade, direito de exercer certas profissões, direito ao voto da mulher, foram causas defendidas por esses periódicos.

No Brasil, foi no início do século XIX que começou o funcionamento da imprensa feminina. A primeira publicação para mulheres, segundo Buitoni (1990), *O Espelho Diamantino*, data de 1827, mesmo ano em que se tem o serviço regular de vapores entre Rio de Janeiro e Santos, que contribuiu para uma distribuição em escala dos periódicos dessa imprensa que começava.

Moda e literatura compunham o par principal que sustentava as publicações femininas brasileiras. Um eixo de sustentação que colaborava com a imagem doméstica da mulher, conforme destacado por Buitoni (1990: 41), que considera os veículos conservadores nesse ponto. Por alguns títulos da época, *O Lírio*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Espelho* pode-se inferir como a mulher era vista pela sociedade desse tempo.

A Revista Feminina, lançada em 1914 por Virgínia de Souza Salles, foi a maior revista brasileira surgida até então. Contando com um esquema comercial que associava assinaturas da revista com a venda de produtos para mulheres fabricados pela mesma empresa, esta publicação circulou até 1936 com uma tiragem em torno de 15 mil exemplares (números significativos para a época). Entre os produtos fabricados pela Empresa Feminina Brasileira, associada à revista, foi disponibilizado pela primeira vez a tinta para colorir os cabelos.

No século XX, vimos surgir a sociedade pós-moderna, caracterizada, pela poderosa influência exercida pela cultura de massa. Para os cientistas sociais, esta nova sociedade

introduziu e sedimentou termos tais como “indústria cultural”, “cultura de massa”, “meios de comunicação de massa”.

A partir de meados do século XX, assistimos igualmente a mudanças significativas no que diz respeito às relações familiares e amorosas. Desde então, a sociedade vem passando por profundas mudanças socioculturais, em ritmo cada vez mais acelerado. Um dos fatores catalisadores da mudança foi a entrada da mulher no mercado de trabalho, precipitada pela eclosão da Segunda Guerra Mundial e que ajudou a deflagrar o processo de redefinição dos papéis do homem e mulher na família e nas relações de poder entre gêneros. Posteriormente, a criação de métodos anticoncepcionais seguros (como a pílula) possibilitou o controle da concepção pela mulher, reduzindo taxas de natalidade e facilitando a consolidação da inserção da mulher na esfera profissional.

Segundo Babo (2000) , poucos são aqueles que, no Brasil, se dedicam ao estudo sistemático de como a *mídia impressa feminina* pode estar *afetando ou propiciando* mudanças no comportamento amoroso e sexual na contemporaneidade. Desta maneira, encontramos bastante material de como a mídia passa conteúdos de violência e sexo, e como a exposição a tais mensagens pode afetar crianças / adolescentes, mas muito pouco se relaciona diretamente à sua influência nos padrões de conduta amorosa e sexual, na construção do sujeito- sexual das mulheres brasileiras.

Apesar de focar a publicidade, Rocha (1990:79) analisa a representação do feminino em duas revistas – *Nova e Claudia* - apontando para diferenças assumidas por esses veículos no que diz respeito à imagem da mulher como “indivíduo” (*Nova*) ou como “servidora do lar” (*Claudia*). As próprias revistas procuram reforçar uma visão limitada e rígida dos papéis a serem desempenhados por suas leitoras. Outros autores (SILVA, 1996; DURAN e PRUSANK, 1997; WILLEMSSEN, 1998) têm demonstrado que artigos em revistas podem ajudar a reforçar preconceitos e estereótipos preexistentes em nossa cultura que influenciarão

os relacionamentos amorosos e/ou ajudar a estabelecer novos padrões.

A partir de processos de enunciação, esse setor específico da mídia, a imprensa feminina, desenvolve um “modelo de conselheiro” que visa monitorar certas dimensões do corpo feminino. Edgar Morin (1986: 111) aponta esse caráter de conselheira das mídias, que traz “além das informações, conselhos, e incitamentos de toda ordem”. Uma mídia que recorre a variados campos de saber – científico, estético, médico – na tentativa de se constituir em autoridade para falar sobre a mulher, e nessa fala, pode-se notar uma pedagogia, modos de dizer, de convencer, que visam indicar sobre o corpo feminino, condutas, comportamentos e técnicas próprias de seus discursos, através de suas enunciações. O conhecimento é positivado para tutorar o modelo ideal de corpo. Tarefas que eram confiadas a outras matrizes da sociedade, literaturas que circulavam preocupadas com a questão da performance do corpo feminino quando se tratava da formação da mulher, vão sendo desempenhadas, pela imprensa feminina. A mídia trabalha um corpo ideal, mas subjacente a esse trabalho discursivo, ela está instituindo um ideal de corpo.

Essas mesmas revistas que estampam corpos femininos “seminus”, objetificados em suas capas, também trazem outras informações. Nas suas várias seções, opiniões diversas se contrapõem em entrevistas, artigos, cartas de leitoras e outros espaços. Assim, as revistas disponibilizam não um discurso monolítico, mas uma pluralidade de discursos que, no espaço midiático, ganham visibilidade propondo definições da realidade, por vezes concorrentes, por vezes contraditórias. E é nas mãos da leitora, através de sua interpretação e desdobramentos pessoais, que a negociação dos significados se completa.

O campo midiático reflete a sociedade e a cultura nas quais está inserido. Pensada, elaborada e produzida por profissionais de uma mesma coletividade, a mídia influencia e é influenciada pela cultura que a abriga. As mídias não só interpelam os indivíduos da sociedade, como também articulam significados, construindo expectativas ligadas a subjetividades

sociais particulares. A noção de articulação de significados demonstra o caráter instável das representações, que regulam as significações. Dessa maneira, os significados são abertos e desarticulações e/ou novas ligações sempre podem ser feitas. As pessoas, ao receberem essas mensagens, assumem a posição esperada ou a rejeitam e tentam encontrar posições alternativas.

No que diz respeito às revistas femininas, não só elas, mas todo o sistema de mídia do qual elas são parte, serve de palco para as negociações que ocorrem entre os vários campos sociais. Por razões de mercado, interesses de toda ordem, luta por hegemonia, setores da sociedade usam a mídia para publicitar suas visões de mundo, na tentativa de alcançar públicos específicos e numerosos. E a mídia, tensionando interesses próprios, dá visibilidade a esse processo.

A análise da ordem dos discursos midiáticos: As revistas femininas na construção dos discursos sexuais das professoras

Uma ordem violenta é desordem e uma grande desordem é ordem; ambas as coisas são uma.

Wallace Stevens

A única alegria neste mundo é a de começar. É belo viver, porque viver é começar, sempre, a cada instante. Quando esta sensação desaparece - prisão, doença, hábito, estupidez - deseja-se morrer. Quem não sente o perene começar que vivifica a existência normal de um casal é, no fundo, um parvo que, por mais que diga, não sente, sequer, um verdadeiro (re)começar em cada aventura. A lição é sempre a mesma: atirarmo-nos para a frente e saber suportar o castigo. É melhor sofrer por ter ousado agir a sério do que recuar.

Cesare Pavese

Acreditamos, como Foucault (2003), que há em muitos escritores, este desejo semelhante de não ter de começar, encontrando de imediato, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de temível, talvez de maléfico. Mas, tomando emprestado as palavras de Pavese: “(...) porque viver é começar, sempre, a cada instante, precisaremos começar, (...) atirarmo-nos para a frente e saber suportar o castigo. É melhor sofrer por ter ousado agir a sério do que recuar”.

A esse desejo tão comum: “eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; (...); gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, (...), e de onde as verdades se levantassem (...); eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz¹⁰ - as principais instituições da nossa sociedade- igreja, prisão, Estado, mídia, escola- respondem de maneira irônica: “você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; (...); e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém¹¹”.

Dentre as instituições citadas, iremos nos ater à mídia, mas privilegiaremos um “setor” específico da mídia impressa: as revistas femininas. Durante muito tempo, a Comunicação foi considerada instrumento de poder e o jornalismo “o quarto poder”. Hoje, idéias desse tipo não se sustentam mais. A Comunicação não pode ser concebida como um “instrumento” de poder e o jornalismo não possui um lugar determinado na estrutura de poder. A questão é mais complexa e sutil. A mídia produz poderes. E sua atuação enquanto instância produtora de poderes não pode ser reduzida a um rótulo específico. Afinal, trata-se de poderes multifacetados e que independem de um lugar fixo na hierarquia social; nem é o quarto nem o primeiro poder, no singular, mas uma “máquina” de poderes, no plural (CAIAFA, 1994).

Os termos mais adequados para qualificar as formas de poder que emanam da mídia talvez sejam os de Foucault (1979), quando este se refere ao poder em si como sendo capilar, molecular e indeterminado, sem um lugar específico na estrutura social. Em outras palavras, Foucault afirma que o poder é parte de todas as formas de relações sociais, não necessitando de um centro ou de um nível macrossocial. Ressalta ainda que o poder não só reprime, censura ou disciplina, mas também produz.

Entre seus produtos mais nobres estão saberes, discursos e disciplina, além dos próprios indivíduos que, segundo essa teoria produtiva do poder, resultam das próprias relações sociais que o envolvem.

¹⁰ In: FOUCAULT. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola, 2003, p. 7.

O poder produz os indivíduos a quem deseja disciplinar. O autor em referência frisa o papel de instituições como a prisão, o hospital, a família e a igreja. Atualmente, talvez, ele incluiria a mídia. Afinal, a preocupação central de Foucault foi sempre o discurso produzido pelas instituições disciplinares que estudou e hoje, a mídia é umas das principais instâncias, e por vezes a principal produtora de discursos na sociedade. Ela não é apenas um veículo de difusão de discursos alheios, mas ela produz um discurso próprio sobre os diferentes temas da “ordem do dia”¹².

Entre esses discursos destaca-se a informação, a qual se fez poder, pensemos nas informações sobre sexo nas revistas femininas adultas. Nenhum meio de comunicação pública da atualidade limita-se a transmitir dados ou relatar fatos. Em suma, esse poder manifesta-se das mais diversas formas, a exemplo da construção de informações econômicas, sócio-culturais, científicas, sensacionalistas, etc.

Os chamados “meios de comunicação”, hoje é uma terminologia inadequada para definir o papel da mídia na sociedade. Não se trata de “meios”, “canais” ou “veículos”, mas instituições de comunicação, consideradas, “poderosas instituições culturais” por Raymond Williams (1985). Afinal, a mídia produz subjetividades, “colonizando” desejos e as necessidades humanas (CAIAFA, 1994).

Foucault (2003), nos alerta que essas instituições e esses desejos, talvez não sejam outra coisa que a mesma inquietação: inquietação face àquilo que o discurso é na sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação face a existência transitória destinada sem dúvida a apagar-se, mas segundo uma duração que não os pertence; inquietação por sentir nessa atividade, cotidiana e banal porém, poderes e perigos que sequer adivinhamos; inquietação por suspeitarmos das lutas, das vitórias, das feridas, que atravessam as palavras em cujo uso há muito reduziram as suas asperidades.

¹¹ Id. , ibid.

¹² Termo jornalístico, usado para definir os assuntos/acontecimentos mais importantes do dia.

Inquietação, que nos moveu e move a agir, para outras perspectivas com poderes e perigos que sequer adivinhamos. No que diz respeito à sexualidade das mulheres, poderes e perigos que ficaram evidentes em uma das nossas atividades¹³ junto as professoras queimadenses, na qual construímos clippings¹⁴ obedecendo ao seguinte roteiro: dispusemos o material, composto de jornais de grande circulação - O Dia, O Globo- e as revistas femininas - Criativa e Nova - para que elas escolhessem as reportagens. A grande maioria, optou por matérias que se fundamentavam em saberes biológicos, já que nas matérias era um sexólogo (médico especialista em sexo) que respondia as dúvidas, ou discursa sobre algo ligado à sexualidade. Esta busca por tais conhecimentos nos trouxe a idéia de que esses discursos influenciam na construção dos discursos sexuais das professoras, ainda mais que sabemos que essas revistas são tomadas como base para o conhecimento sobre o sexual pela maioria das jovens professoras pesquisadas por Reis¹⁵.

Sabemos que essa existência transitória dos discursos sexuais, pautados em uma ciência racional/universal: a Biologia; destina-se dúvida a apagar-se, a virem outros, em um vai e vem descontínuo, em uma duração não nos pertence. Mas, qual será o perigo desses discursos “universais” de sexo? Como coloca Foucault, o que há assim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos se multiplicarem indefinidamente? Onde é que está o perigo?

Esta a hipótese que Foucault nos apresenta, que situa o lugar ou talvez a antecâmara do trabalho que fazemos: supõem-se que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade. Não é uma mera coincidência que apenas os especialistas em sexo – *médicos sexólogos* - respondem as

¹³ Atividade extencionista realizada no dia vinte e seis de Junho de 2003 na Secretaria de Educação do Município de Queimados.

perguntas sobre sexualidade das leitoras. Eles estão pautados sob o édige da *Ciência* Biológica, de sua racionalidade. Ontem religião, hoje a Ciência, símbolo da razão, como a detentora da verdade. Mas será que a sexualidade pode ser reduzida a “esfera biológica”? Emoção e prazer devem ser desconsiderados, postos para fora ?

O reconhecimento que tais discursos sexuais são formuladores de *verdades* e que a *instituição* vigia o seu *aparecimento*, auxilia na compreensão de que muitas vezes eles passam a compor os discursos educacionais “racionais” e a práticas das nossas professoras.

Assim, a *ars erotica*, que prevalece a preocupação com o prazer e a subjetividade são desconsideradas pelas narrativas das professoras queimadenses. Mas, a *scientia sexualis*, que valoriza o discurso científico e a preocupação com a reprodução, afirmando o lugar da disciplina no disciplinamento do corpo, se assemelha aos testemunhos das professoras pesquisadas.

Estes discursos médicos-científicos, pautados na biologia reprodutiva presentes nas revistas veiculam, produzem, reforçam ou delimitam o poder, pois é justamente nesses discursos que poder e saber se articulam para o controle de corpos e mentes. Neste sentido, questionar tais estes saberes midiáticos das revistas se torna importante para se obter uma outra perspectiva, que possibilite a inclusão de discursos e/ou práticas sociais alijadas do cotidiano escolar.

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, e o mais familiar é o *interdito/interdição*.

Segundo Foucault, há três procedimentos exteriores de controle e delimitação do discurso: a) Interdição: não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar tudo em qualquer circunstância, qualquer um não pode falar de qualquer coisa.; b) Separação/Rejeição: Separação da razão e da loucura: Razão x Loucura. O louco é aquele cujo o discurso é

¹⁴ Recurso bibliográfico que possui a função de organizar reportagens/artigos mais recentes de jornais e revistas por assuntos ainda indisponíveis em livros.

impedido de circular como o dos outros. Desde a Alta Idade Média, a palavra do louco não é ouvida e quando é ouvida, é escutada como uma palavra de verdade (de uma verdade que os indivíduos normais não percebem) ou caía no nada - rejeitada de imediato logo que proferida; ou adivinhava-se nela uma razão crédula ou sutil.; c) Vontade de Verdade: Se nos situarmos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrário, nem modificável, nem institucional, nem violento. Mas se levantarmos a questão de saber, situando-nos em outro nível, qual é essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se.

Aos interditos, basta-nos referir que, nos dias que correm, as regiões onde a grelha mais se aperta, são as regiões da sexualidade e as da política: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, algumas dos seus mais temíveis poderes.

Tais *temíveis poderes*, ficam mais evidentes quando analisamos as diferentes noções de feminilidade presentes nas revistas. Ao mesmo tempo que a revista *Nova*, se dirige a uma mulher moderna, ela continua reforçando discursos e valores tradicionais no que diz respeito à sexualidade e à representação de gênero. Assim, como na maioria dos artigos publicados nessa revista, no artigo “As 10 Armas Secretas de uma Sedutora”¹⁶, a leitora recebe regras de como se comportar para ser uma sedutora; para “ter mais pretendentes do que dias na semana”. Esse propósito parece ser bastante transgressor, mas, o que se observa no desenvolvimento do texto é que o objetivo alcançado pela sedutora foi conquistar um pretendente único, o *marido*.

¹⁵ In: REIS. (Re)Invenção da escola pública: a sexualidade na formação da jovem professora. Tese de Doutorado. UFF. 2002.

¹⁶HAZE. (1995). As 10 Armas Secretas de uma Sedutora. In: *Nova/Cosmopolitan*: 144-147. Ano 23 (06). São Paulo: Abril.

O próximo segmento foi retirado do *corpus da revista* e mostra como o *casamento* constitui o passo final na encontrar a felicidade:

Casar era o que eu mais desejava, mas **minha alma gêmea e eu** ainda não tínhamos nos encontrado. (grifos nossos)

Essas verdades são construídas socialmente, por meio do discurso, como nos alerta Foucault (2003): “(...) por mais que o discurso, seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem, revelam, logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder”. E com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso- a psicanálise mostrou - não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e porque - e isso a história desde sempre nos ensinou - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual procuramos apoderar.

Existe outro princípio de exclusão: a separação/rejeição. Segundo Foucault (2003), a palavra do louco, desde a alta Idade Média, é excluída, considerada nula, não tendo verdade nem importância. De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, ela não existia. Era por intermédio das suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas nunca eram recolhidas ou escutadas. Jamais, antes do final do século XVIII, um médico teve a idéia de saber o que era dito (como era dito, por que era dito) nessa palavra que, não obstante, fazia a diferença. Todo esse imenso discurso do louco recaía no ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro, onde se apresentava desarmado e reconciliado, já que aí representava a verdade mascarada.

Dirão que hoje tudo isto já acabou ou que está em vias de acabar; que a palavra do louco não está do outro lado da rejeição; que ela não é mais nula e não-aceita, ela tem uma existência e uma validade; que, pelo contrário, nos coloca de sobreaviso; que procuramos nela um sentido, o esboço ou as ruínas de uma obra; e que somos capazes de a surpreender, à

palavra do louco, naquilo que nós próprios articulamos, nessa minúscula fenda por onde aquilo que dizemos nos escapa.

Mas uma tamanha atenção não prova que a antiga partilha não se exerça ainda, basta pensar na rede de instituições que permite a qualquer um - médico, psicanalista - escutar essa palavra, por exemplo, as revistas femininas Criativa e Nova dispõem de uma sessão em os especialistas em sexo (médicos-sexólogos e psicoterapeutas sexuais), respondem perguntas do leitores e/ou formulam perguntas sobre as principais dúvidas sobre sexualidade, e que permite simultaneamente ao paciente trazer, ou desesperadamente reter, suas pobres palavras; basta pensar na escola tradicional na qual o professor é o detentor do saber e o aluno um mero espectador; basta pensar em tudo isso para suspeitar que a partilha, longe de se ter apagado, se exerce através de linhas diferentes, por intermédio de novas instituições e com efeitos que não são já os mesmos (FOUCAULT: 2003).

Neste sentido, avançaremos ao terceiro sistema de exclusão: a oposição do verdadeiro e do falso- a Vontade de Verdade, ao lado daqueles que acabamos de ressaltar. Foucault (2003) vai à gênese - a Grécia antiga, para nos explicar este terceiro sistema:

Ainda nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro (...) pelo qual se tinha respeito e terror, ao qual era necessário submeter-se, porque reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e segundo o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada um a sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente as anunciava o que haveria de passar-se, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino. (p. 14-15)

Um século mais tarde, a maior das verdades já não estava naquilo que o discurso *era* ou naquilo que *fazia*, mas sim naquilo que o discurso *dizia*: chegou porém o dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado de enunciação, eficaz e justo, para o próprio enunciado: para o seu sentido, a sua forma, o seu objeto, a sua relação à referência. Para Foucault (2003), entre Hesíodo e Platão uma certa divisão se estabeleceu; nova partilha, visto que, o discurso verdadeiro deixa de ser o discurso valioso e desejável, uma vez que o discurso verdadeiro já não é o discurso ligado ao exercício do poder. O sofista é enxotado.

Sem dúvida que essa partilha histórica deu à nossa vontade de saber a sua forma geral. Não deixou porém de deslocar-se: as grandes mutações científicas podem talvez ler-se enquanto conseqüências de uma descoberta, mas podem ler-se também com aparecimentos de novas formas da vontade de verdade. Os discursos científicos-biológicos e diferentes noções de feminilidade estariam por acaso nas revistas femininas adultas? E nas escolas, por que as professoras se apropriam do mesmo discurso científico sobre sexualidade? Seriam essas *uma vontade da verdade* que interessaria encontrar-se disponível nas instituições- mídia e escola- para o controle de corpos e de mentes?

Ora esta vontade de verdade, tal como os outros sistemas de exclusão, como nos diz Foucault (2003: 17) apoia-se numa base institucional: ela é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como *a pedagogia*, claro, o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, nos laboratórios no presente. Mas, é também reconduzida, e de um modo mais profundo sem dúvida, pela maneira como o *saber é disposto* numa sociedade, como *é valorizado, distribuído, repartido* e, de certa forma, atribuído. Principal instância sistematizadora do saber na nossa sociedade - a escola- tem um papel fundamental na difusão e reflexão de diferentes saberes.

Desta forma, se faz necessária a luta por uma escola pública brasileira de qualidade, já que saber é poder¹⁷, ainda mais em uma sociedade, que as atuais relações não se baseiam exclusivamente no domínio da tecnologia e do capital, mas também no controle da informação pelas mais importantes “instituições” midiáticas- jornais, televisões, revistas, internet- que estabelecem, no século XXI, novas bases para essas relações.

Em meio aos meus estudos e andanças pelos vários municípios e locais onde a pobreza assenta lugar, primeiramente como normalista e depois como bolsista de extensão

¹⁷ Para Foucault, um dos aspectos mais importantes é a relação entre a produção de verdades e as relações de poder: “a produção de verdade é inteiramente infiltrada pelas relações de poder”. Saber é poder. Saber sempre foi e sempre será poder, isto é, todo saber implica um poder. Um saber veicula uma certa leitura da realidade e conseqüentemente legitima uma verdade. No momento em que os saberes padronizam nossos olhares sobre a realidade, estes saberes estão exercendo um poder, muitas vezes coercitivos, que se propagam em verdades absolutas, indiscutíveis. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

universitária e de iniciação científica, relatos e observações, que denunciam a baixa qualidade do ensino público do Brasil, há desqualificação do profissional que atua no setor. Instituições públicas abandonadas, pichadas, depredadas, professores exaustos, desestimulados, achando que o futuro de suas crianças é mesmo o tráfico de drogas, a prostituição, a miséria, que retratam a desigualdade existente em nosso país. Sabemos, que existem escolas públicas de qualidade. Porém, essas são minoria, e muitas como os CEFETs e os CAPs, não são freqüentados pelas classes mais populares.

Sem dúvida entender com o saber é disposto em uma sociedade é importante para todos os profissionais da educação. Afinal, historicamente a escola é a instituição que tem a responsabilidade de propagar o saber e o professor, sendo responsável por esta “distribuição”, ou melhor, pela organização, sistematização e reflexão do saber. Talvez, a explicação que a educação pública e os programas da televisão no Brasil sejam em sua maioria “vazio” de aspectos reflexivos (vide a difusão na televisão brasileira de programas que falam sobre fofocas e a vida particular dos famosos e “quase” famosos) se deve ao fato que saber é poder. Evoquemos aqui, um princípio grego: a aritmética é tratada nas sociedades democráticas, porque ensina as relações de igualdade, mas a geometria deve ser ensinada às oligarquias, dado que demonstra proporções de desigualdade.

Na Grécia de ontem, no Brasil de hoje, o vasto acesso aos saberes, de maneira geral, continua reduzido as camadas mais abastadas; que podem freqüentar as melhores escolas, têm acesso a variados livros e jornais, e neste sentido, dispõem de maiores possibilidades de se tornarem pessoas com uma visão mais crítica e reflexiva do mundo em que vivemos.

Desta forma, cremos que essa vontade de verdade, apoiando-se em uma base e distribuição institucionais, tende a exercer sobre os outros discursos- continuamos a falar da nossa sociedade- uma espécie de pressão e um certo poder de constrangimento. Estamos a

pensar na maneira como a literatura ocidental teve de apoiar-se, por séculos, no natural, no verosímil, e também na ciência, em suma, no discurso verdadeiro (FOUCAULT, 2003).

Esta vontade de saber, que segundo Foucault, colocou (e coloca), nos últimos três séculos, o sexo numa rede de discurso, incitando-o a (re)velar-se. Esse discurso é incitado nas revistas femininas *Nova e Criativa* analisadas nesta monografia. Desta forma, as sociedades ocidentais falam(ram), e muito, sobre sexo. Todavia, isto não significa dizer que não houve uma interdição, e sim, que esta interdição não é o único “objeto” de estudo que possibilita entender como se “inscreveu” a história da sexualidade nestas sociedades:

É necessário deixar claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. (1990, p.17.)

Por que dizemos que somos reprimidos? Por que nossa sociedade, há mais de um século, em relação ao sexo, fala de seu silêncio, e ao mesmo tempo, elabora um discurso acerca do sexo, criando um segredo sobre ele? Por que e a quem interessa falar do que se constitui em segredo? Ao aceitarmos esse discurso como “verdade” não contribuimos para que a repressão (poderes coercitivos) se mantenha? Essa aceitação não faz com que controlemos a nós mesmos? Não impede nossa liberação? Ora, falar que o sexo não é reprimido não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os poderes discursivos que a sustentam (FOUCAULT, 1990: 14).

Poder que Foucault chamou de “hipótese repressiva” sobre o sexo, à medida que não o entende como autoritário, centralizador e repressivo, exclusividade do Estado e da Lei. Esta visão de poder ele chamou de “jurídico-discursiva”. A soberania do Estado e a imposição da Lei são para ele apenas formas terminais de poder, ou seja, há uma *micropolítica / microfísica de poder* que faz com que o Estado e a Lei possam atuar.

Devido às desigualdades na correlação de forças existente na sociedade em geral, estamos continuamente em estados de poder sempre localizados e instáveis. Há uma onipresença do poder, mas isto ocorre não porque esteja localizado em um único ponto, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos. Desta maneira, o “poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares”. (Foucault, 1990: 89) Por esta concepção, o que existe são dispositivos de poder atuando sobre o indivíduo e a sociedade, adquirindo caráter “normalizador”.

Nas palavras de Foucault um dispositivo é:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. (1979, p. 244)

Jurandir Freire Costa, em sua leitura de Foucault, nos ajuda a esclarecer a noção de dispositivo:

Os dispositivos são formados pelos conjuntos de práticas discursivas e não discursivas que agem, à margem da lei, contra ou a favor delas, mas de qualquer modo empregando uma tecnologia de sujeição própria.. (1979, p. 50)

Eles se caracterizam por um conjunto de *práticas discursivas e não discursivas*, podendo tais práticas ultrapassarem aquelas instâncias jurídicas de poder - o Estado e a Lei. Atuando numa dinâmica particular de poder, estas práticas possuem uma tecnologia própria de sujeição imperceptível, pois parece permitir o que não permite, estimula a *vontade de saber*, libera para controlar. Esta *vontade de saber*, presente nas revistas femininas¹⁸, que usam o sexo como o chamariz principal das suas respectivas capas que “vendem” técnicas e sugestões para melhorar a performance, com conselhos, e segredos. Deste modo, os dispositivos de poder sobre sexualidade atuam nas revistas femininas como mecanismos articulados, em rede, visando obter um determinado fim, ou seja, o controle sobre a vontade de saber do indivíduo e da sociedade, liberando para controlar.

As práticas discursivas, para Foucault (1990), compõem-se de elementos teóricos, a partir dos saberes disponíveis - enunciados científicos e proposições filosóficas. Desta maneira temos então *o dito* num dispositivo de poder.

As práticas não discursivas - o não dito - se inscrevem nas técnicas de organizações arquitetônicas para controle dos corpos dos indivíduos, decisões regulamentares – formas, filas, etc. Assim, um dispositivo pode se constituir em um discurso verbalizado, mas também num não verbalizado, num discurso silencioso, que pode aparecer na sociedade de maneira velada. Estas discursividades são articuladas às táticas e aos objetivos de poder.

Desta forma, através da teoria posta e de ações práticas, um dispositivo se impõe na sociedade, “normalizando” a vida do indivíduo e conseqüentemente de todo o corpo social, construindo o cidadão necessário a ela.

Evidentemente, que há muitos outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso. Aqueles de que falamos até agora exercem-se, de algum modo, a partir do exterior; funcionam como sistemas de exclusão; dizem respeito sem dúvida à parte do discurso em que estão implicados o poder e o desejo. Procedimentos internos, dado que são os próprios discursos a exercer o seu controle; são procedimentos que funcionam sobretudo enquanto princípios de classificação, de ordenamento, de distribuição.

Foucault (2003:21), nos apresenta três procedimentos internos de controle e delimitação do discurso: Comentário, Princípio de Autoria (autor) e Disciplinas.

O primeiro procedimento: o comentário. Suponho, que não há nenhuma sociedade onde não existam narrativas maiores, que se contam, se repetem, e que se vão mudando; fórmulas, textos, coleções ritualizadas de discursos, que se recitam em circunstâncias determinadas; coisas ditas uma vez e que são preservadas, porque suspeitamos que nelas haja algo como um segredo ou uma riqueza.

¹⁸ Apesar de termos eleitos duas revistas para análise, estas observações podem se estender também a revistas de perfil semelhante como *Marie Claire*, *Claudia*, e *Vip Exame*. In: BUTTONI, D. S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

Em suma, pode suspeitar-se que há nas sociedades, de um modo muito regular, uma espécie de desnível entre os discursos: os discursos que “se dizem” ao correr dos dias e das relações, discursos que se esquecem no próprio ato que lhes deu origem; e os discursos que estão na origem de um certo número de novos atos de fala, atos que os retomam e transformam, os discursos que, indefinidamente e para além da sua formulação, *são ditos*, ficam ditos, e estão ainda por dizer. É certo que esse desnível não é estável, não é constante, não é absoluto. Há muitos textos maiores que se dispersam e desaparecem, e há comentários que, por vezes, vêm ocupar o lugar primordial. Mas, se é verdade que os seus pontos de aplicação podem mudar, a função permanece; e deste modo o princípio de um desnível é incessantemente acionado.

Os discursos que são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer, pelo que nos diz Foucault (2003), estão imersos no nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando pensamos no seu estatuto, a que se chama “literários”; e numa certa medida textos científicos.

Visto as espécies de desníveis existentes entre os discursos, falaremos dos textos científicos. Em uma ação pedagógica com as professoras de Queimados, utilizamos um texto científico, que se encontrava na seção *Mais* da revista *Nova*¹⁹ 2001, denominada “Conversa com o Dr. Gaudêncio”, foi perguntado ao grupo de Queimados, se estes concordavam ou não com a resposta dada pelo respectivo Doutor a pergunta de uma leitora que solicita um conselho amoroso, pois tinha dúvidas se o cônjuge a ama. As professoras opinaram que:

(...) por mais que a leitora tenha explicado sua situação, isso não daria condições para uma resposta significativa do Doutor; cada caso é diferente do outro e não existem receitas para um bom relacionamento, pois muitos fatores podem influenciar um casamento desde a opção religiosa até a situação financeira do casal.

A resposta dada pelas professoras dos discursos que *são ditos*, convida-nos a (re)pensar que mesmos os saberes legitimados por uma ciência “racional”, muitas vezes, não respondem há alguns questionamentos, pois tais saberes deixam de fora uma série de conhecimentos e/ou práticas sociais que não se inserem em um conhecimento científico, que legitimam discursos

muitas vezes como verdades únicas e universais. Esses discursos biológicos não retratam o contexto sócio-cultural em que o sexual se inscreve, pois trazem consigo conhecimentos da biologia reprodutiva, como se emoções, anseios e busca de verdades sobre corpos e mentes ali não estivessem presentes.

Voltemos há outro princípio interno de rarefação do discurso, até de certo ponto complementar ao primeiro: trata-se do autor. Entendido o autor, claro, não como o indivíduo que fala, que escreveu um texto, mas como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem das suas significações. Este princípio não funciona em qualquer lugar, nem de maneira constante: existem, à nossa volta, muitos discursos que circulam sem que o seu sentido ou a sua eficácia estejam em poder de um autor: palavras do dia a dia, que se apagam de imediato; decretos ou contratos que têm necessidade de signatários, mas não de autor. Mas nos domínios em que a atribuição a um autor é regra - literatura, filosofia, ciência - vemos que essa atribuição não desempenha sempre o mesmo papel; na ordem do discurso científico, a atribuição a um autor era, na Idade Média, indispensável, pois era um indicador de verdade.

Deste modo, considerava-se que o valor científico de uma proposição estava em poder do seu próprio autor. Mas, a partir do século XVII, essa função, tende a se reduzir:

Desde o século XVII, esta função não cessou de se enfraquecer no discurso científico: o autor só funciona para dar um nome a um teorema, (...) a uma síndrome. Em contrapartida, na ordem do discurso literário, e a partir da mesma época, a função do autor não cessou de se reforçar: todas as narrativas, todos os poemas, (...) que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; (...) O autor é aquele que dá à linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 2003, p. 27 - 28)

Será necessário também reconhecer, o último princípio interno do discurso, naquilo a que Foucault (2003) chama de “disciplinas” um outro princípio de limitação. Princípio também *relativo e móvel*.

A organização das disciplinas opõe-se tanto ao princípio do comentário quanto ao do

¹⁹ In: GAUDENCIO, Paulo. Conversa com Dr. Gaudencio . *Revista Nova*, São Paulo: Abril. Junho 2001. Sessão Mais, p. 59.

autor. Ao do autor, uma vez que uma disciplina se define por um conjunto de métodos, um corpo de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras, de definições, de técnicas e instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo, sem que o seu sentido estejam ligados ao seu inventor. Em uma disciplina, diferentemente do comentário, não é um sentido que precisa ser redescoberto, nem uma identidade que deve ser repetida; e sim, aquilo que é necessário para a construção de novos enunciados. Para que haja disciplina, é preciso que haja a possibilidade de se formular, indefinidamente, novas proposições.

Mas há mais, uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade (FOUCAULT, 2003: 31). A medicina não é constituída pela totalidade do que se pode dizer de verdadeiro sobre a doença; a botânica não pode ser definida pela soma de todas as verdades que dizem respeito às plantas. Há duas razões para isso: em primeiro lugar, a botânica ou a medicina, como qualquer outra disciplina, são feitas tanto de erros quanto de verdades, erros que têm funções positivas, uma eficácia histórica, um papel indissociável das verdades.

Da mesma forma, como foi descrito anteriormente, os discursos relativos à sexualidade das mulheres presente na revista *Nova 2001*, na seção *Conversa com o Dr. Gaudêncio*, não respondem há alguns questionamentos das leitoras da revista, pois tais conhecimentos deixam de fora uma série de saberes e práticas que não se inserem em um conhecimento científico- biológico, saberes que retratam o contexto sócio-cultural em que as dúvidas das leitoras se inscrevem. Assim, a Biologia tal como a Botânica e a Medicina são disciplinas que não se constituem pela totalidade do que se pode dizer de verdadeiro sobre a sexualidade, as plantas e as doenças.

Segundo Foucault (2003), a partir do final do século XVII, para que uma proposição

fosse “botânica” era necessário que dissesse respeito à estrutura visível da planta, ao sistema das suas semelhanças próximas e longínquas.

Foucault, ressalta:

No interior dos seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber. (...) Em resumo, uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina; antes de se poder ser declarada verdadeira ou falsa, deve-se encontrar, como diria M. Canguilhem, “no verdadeiro”. (2003, p. 33 -34)

Perguntávamo-nos muitas vezes como é que os botânicos e os biólogos do século XIX não puderam ver que era verdadeiro o que Mendel²⁰ dizia. Acontece que Mendel falava de objetos, usava métodos, colocava-se num horizonte teórico que eram estranhos à biologia da sua época.

Mendel, constitui o traço hereditário enquanto objeto biológico absolutamente novo, graças a uma filtragem que nunca tinha sido utilizada até então: ele isola o traço hereditário da espécie e do sexo que o transmite. Novo objeto, que convoca novos instrumentos conceituais e novos fundamentos teóricos. Mendel dizia a verdade, mas não estava “no verdadeiro” discurso biológico da sua época: não era segundo tais regras que se formavam os objetos e os conceitos biológicos; para que Mendel entrasse no verdadeiro e as suas proposições surgissem (em boa parte) exatas foi necessário toda uma mudança de escala, o desenvolvimento de todo um novo plano de objetos em biologia.

Diante disto, podemos dizer que a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Segundo, Foucault (2003: 36) “ela lhe Fixa limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma (re)atualização permanente das regras”.

²⁰Gregor Mendel foi o primeiro cientista a elucidar os mecanismos básicos da hereditariedade. Ele usou um método que empregava indivíduos de linhagens puras, observando um caráter de cada vez e não todos ao mesmo tempo, como fizeram seus predecessores. Os princípios da transmissão hereditária das características físicas foram formulados em 1865. Ao realizar experimentos com sete características diferentes de variedades puras de ervilhas, Mendel deduziu a existência de unidades hereditárias, que atualmente chamamos de genes, os quais expressam os caracteres dominantes ou recessivos. Seu primeiro princípio (a lei da segregação), afirma que os genes se encontram agrupados em pares nas células somáticas e que se separam durante a formação das células sexuais (gametas femininos ou masculinos). Seu segundo princípio (a lei da segregação independente) afirma que a atuação de um gene, para determinar uma característica física, não recebe influência de outras características. As leis de Mendel forneceram as bases teóricas para a genética moderna e a hereditariedade. In: <http://www.brasilecola.com/biologia/primeira.htm>. Acesso em: 10 set. 2004.

Temos o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, recursos infinitos para a criação dos discursos. Talvez até sejam, mas, como nos alerta Foucault (2003: 36), não deixam de ser princípios de constrangimento; e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não tomarmos em consideração a sua função restritiva e constringedora.

Por falar em coerção, voltemos a mídia. O campo midiático reflete a sociedade e as culturas nas quais está inserido. Por intermédio do conteúdo e da forma de uma peça de mídia, há *uma multiplicidade de comentários, autores, e uma espécie de disciplina*, e dentro delas vários aspectos da sociedade que as (re)produzem, restringem, constringem e podem ser identificadas.

Elaborada e produzida por profissionais da comunicação, a mídia influencia e é influenciada pela sociedade a abriga. As mídias não só interpelam os indivíduos da sociedade, como também articulam significados, construindo e desconstruindo expectativas ligadas a relações sociais. No que diz respeito às revistas femininas, não só elas, mas todo o sistema de mídia do qual elas são parte, serve de palco para as negociações que ocorrem entre os vários campos sociais.

Assim, as revistas disponibilizam não um único discurso, mas uma pluralidade de discursos, que, no espaço midiático, ganham visibilidade propondo definições da realidade, por vezes concorrentes, por vezes descontínuas²¹ e contraditórias. Desta maneira, é nas mãos dos leitores, por meio de suas interpretações e desdobramentos pessoais, que a negociações dos significados se completam.

É importante ressaltar, a existência de um terceiro grupo de procedimentos que

21 Para Foucault, a descontinuidade é um conceito que questiona uma concepção de história linear e contínua, que não separa o sujeito de toda prática. É por meio deste conceito que os discursos emergem e se constroem, na medida em que rompem com uma determinada ordem. Assim, a descontinuidade é um instrumento metodológico e produto da mesma operação, visto que, por intermédio do trabalho de análise das transformações das enunciações possibilitasse o registro das lutas em torno das imposições de sentido, expondo-se as rupturas dos discursos. In: REIS. *(Re)Invenção da escola pública: a sexualidade na formação da jovem professora*. – Tese de Doutorado. UFF. 2002.

permitem o controle dos discursos (2003), a imposição de regras aos sujeitos do discurso: ritual, doutrina e apropriação social dos discursos.

Começaremos pelo ritual. Não se trata desta vez:

(...) de dominar os poderes que eles têm; (...) trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir, que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos falantes; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências, ou se não for, (...) qualificado para fazê-lo. (FOUCAULT, 2003, p.36 - 37)

De posse dessa imposição de regras aos sujeitos falantes, que fora anteriormente citada-o ritual- podemos entender o porquê de ainda hoje o discurso sexual das professoras pesquisadas em queimados, ou mesmo das revistas femininas, se pautam em principalmente conceitos biológicos de sexólogos, pois ninguém entrará na ordem do discurso se não puder cumprir certas exigências ou se não for qualificado para fazê-lo.

Nesse terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos, conforme as palavras de Foucault (2003), o ritual determina as condições de seu funcionamento dos discursos, impõe aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim não permite, que todo mundo tenha acesso a eles. Neste sentido, “o intercâmbio e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida que não poderiam funcionar sem estes” (FOUCAULT, 2003: 38).

A forma mais superficial e mais visível destes sistemas de restrição é constituída por aquilo que pode-se denominar sob o nome de ritual; este define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo do diálogo, na interrogação, na recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); como os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de sinais que devem acompanhar o discurso; o ritual fixa, por fim, a eficácia das palavras, o seu efeito sobre aqueles a quem elas se dirigem, os limites do seu valor constrangedor. Os discursos religiosos, jurídicos, terapêuticos, e em parte também, os políticos não podem ser dissociados de um ritual

que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (in FOUCAULT, 2003).

Com um funcionamento que é em parte diferente, as “sociedades de discurso”, têm por função conservar ou produzir discursos, mas isso para os fazer circular num espaço fechado, sem que os detentores do discurso sejam despossuídos com essa distribuição. Um desses modelos nos é dado pelos rapsodos que possuíam o conhecimento de recitar poemas, que, embora tivesse por finalidade uma recitação de um caráter ritual, era defendido, protegido e conservado em um grupo determinado por exercícios de memória, muitas vezes bem complexos; sua aprendizagem fazia estar ao mesmo tempo em um grupo e em um segredo que a recitação manifestava, mas não era divulgada (FOUCAULT, 2003: 40).

Se, é certo para Foucault (2003), que não existem mais tais sociedades de discurso, com esses jogo ambíguo de segredo e de divulgação. Porém, ninguém se engane; mesmo na ordem do discurso publicado e liberto de todo o ritual, ainda são exercidas formas de apropriação do segredo e de não-permutabilidade. É bem possível que o ato de escrever, tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema da edição e na personagem do escritor, tenha lugar na “sociedade de discurso”, difusa talvez, mas seguramente coercitiva. O caráter intransitivo que o escritor atribui ao seu discurso, a singularidade fundamental que ele confere à escrita, tudo isto se manifesta, na sua formulação, na existência de uma certa “sociedade de discurso”. “(...) Mas existem muitas outras que funcionam de outra maneira, conforme outro regime de exclusividade e de divulgação: lembremos o segredo técnico ou científico, as formas de difusão e de circulação do discurso médico” (FOUCAULT, 2003: 41).

O que constitui as doutrinas religiosas, políticas, filosóficas é, segundo Foucault (2003), à primeira vista, o inverso de uma sociedade de discurso, pois, a doutrina tende a difundir-se, e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos, que os indivíduos, tão numerosos quanto o quisermos imaginar, definem a sua pertença recíproca. Aparentemente, sua única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de uma

certa regra de conformidade com os discursos validados; porém, as doutrinas não são apenas isto. Ora, a pertença doutrinal questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito falante, e um por intermédio do outro. Questiona o sujeito falante por intermédio do enunciado, como provam os mecanismos de exclusão e rejeição que intervêm quando um sujeito falante formulou um ou vários enunciados inassimiláveis. Mas, inversamente, a doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos falantes, na medida que ela vale sempre como uma manifestação e instrumento de uma pertença prévia - pertença de classe, de estatuto social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação.

Finalmente, numa escala muito maior, podem reconhecer-se grandes clivagens naquilo a que se poderia chamar a *apropriação social dos discursos*. A educação pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabemos no entanto que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo.

Deste modo, o sistema educacional é um espaço onde os indivíduos tem acesso a muitos discursos, em um vai e vêm histórico descontínuo. Ao trazermos marcas de memória deixadas das professoras queimadenses, ganham notoriedade relatos de uma instituição escolar, que dá ênfase a disciplina, a razão, em vez do diálogo, da reflexão, da educação como uma prática de liberdade e autonomia.

Neste sentido, recordaremos do nosso mestre "Paulo Freire"²²:

A educação na prática da liberdade, não é estender algo da "sede do saber" até a "sede da ignorância", para salvar, com este saber, aos que naquele habitam. Ao contrário, a educação na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isso sabem que sabem algo - e podem assim, chegar a saber mais, em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para

²² In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

que estes, transformando seu pensar que nada sabem em pensar que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Neste sentido, *Paulo Freire* se aproxima de *Sócrates*, quando diz que a educação para a prática da liberdade é tarefa para *os que sabem que pouco sabem, - e podem assim, em diálogo com outros, chegar a saber mais*, pois esse “discurso” é uma característica da filosofia de *Sócrates*²³. Nela, exprime-se o famoso lema *conhece-te a ti mesmo* - isto é, torna-te consciente de tua ignorância, que você pouco sabe- como sendo o ápice da sabedoria- de querer saber sempre mais. Ele achava que o filósofo é aquele que admite não entender inúmeras coisas, e que se aflige com isso. *Sócrates* declarou: “só sei que nada sei”. A sabedoria de *Sócrates* devia ao fato de ele estar plenamente ciente da própria ignorância.

Essa educação libertária, idealizada por *Paulo Freire* não remete o professor como “detentor do saber”, e sim na troca de saberes em “uma tarefa para os que pouco sabem” está muito distante da realidade das nossas salas de aulas. Até, porque as imposições de regras aos sujeitos do discurso (*Foucault*, 2003) são herdadas de séculos atrás, e continuam presentes no cotidiano escolar das escolas brasileiras.

As imposições de regras aos sujeitos do discurso- ritual, doutrina e apropriação social dos discursos- da qual acabamos de falar é demasiadamente abstrata. Pois, na maior parte das vezes, eles estão ligados uns aos outros e são como grandes edifícios que asseguram a distribuição dos sujeitos falantes nos diferentes tipos de discurso e asseguram a apropriação dos discursos a certas categorias de sujeitos.

Numa palavra, são os grandes procedimentos de sujeição do discurso. O que é, no fim de contas, um sistema de ensino senão uma “ritualização da fala, senão uma qualificação e uma fixação dos papéis dos sujeitos falantes; senão a constituição de um grupo doutrinal (...) ; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com os seus poderes e os seus saberes?” (*FOUCAULT*, 2003: 44)

²³ *STONE*, I. F. *O julgamento de Sócrates*. São Paulo : Editora Schwarcz Ltda, 1999.

O discurso, segundo Foucault (2003: 49), nada mais é do que o reflexo de uma verdade que está sempre a nascer diante dos seus olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso se pode ser dito a propósito de tudo, isso acontece porque todas as coisas que manifestaram e ofereceram o seu sentido podem voltar na interioridade silenciosa da consciência de si.

Aparentemente, que civilização respeitou mais o discurso do que a nossa? Onde é que mais e melhor se honrou o discurso? Onde é que, mais radicalmente se libertou o discurso dos seus constrangimentos e se universalizou? Ora, parece-nos que sob esta veneração do discurso, esconde-se um temor. Tudo se passa como se os interditos, as barragens, as entradas e os limites do discurso tivessem sido dispostos de maneira a que, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso seja dominada, e que a sua desordem seja organizada segundo figuras que esquivam daquilo que é mais incontrolável.

Há sem dúvida na nossa sociedade, e imagino que em todas as outras, com base em perfis e decomposições diferentes, um temor surdo também pelos discursos sexuais, pela massa das coisas ditas e não-ditas, pelo surgimento de todos enunciados, por tudo o que neles pode haver de violento, de descontínuo, de batalhador, de desordem também

E, se quisermos - não digo eliminar esse temor - mas analisar as suas condições, o seu jogo e os seus efeitos, é preciso tomar três decisões, em relação às quais o nosso pensamento, resiste um pouco, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de mencionar: interrogar a nossa vontade de verdade; restituir ao discurso o seu caráter de acontecimento; e finalmente, abandonar a soberania do significante (FOUCAULT, 2003 :51).

São estas as tarefas, que Foucault em *A Ordem do discurso* nos revela, ou alguns dos temas que orientam o trabalho que ele gostaria de fazer. Podemos de imediato assinalar certas exigências de método que implicam: o princípio de *inversão*, o princípio de *descontinuidade*, o princípio de *especificidade* e o princípio da *exterioridade*.

Em primeiro lugar, o princípio de *inversão*: onde julgamos reconhecer, a fonte dos discursos, o princípio da sua expansão e da continuidade, nessas figuras que parecem desempenhar um papel positivo, como a do autor, da disciplina e a da vontade de verdade, é necessário reconhecer nelas o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso.

Mas, uma vez desvendados os princípios de rarefação e que os deixamos de considerar como instância fundamental e criadora, o que é que se descobre debaixo deles? Será necessário admitir a plenitude virtual de um mundo de discursos ininterruptos? É aqui que se faz necessário fazer intervir outros princípios de método (Foucault, 2003: 52).

Um princípio de *descontinuidade*: os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, mas que também se ignoram ou se excluem.

Um princípio de *especificidade*: deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, em todo o caso como uma prática que lhes impomos; e é nessa prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio da sua regularidade.

Quarta regra, a da *exterioridade*: não ir do discurso até ao seu núcleo interior e escondido, mas, a partir do próprio discurso, do seu aparecimento e da sua regularidade, ir até às suas condições externas de possibilidade, até ao que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e que lhes fixa limites.

Quatro noções devem servir, por conseguinte, de princípio regulador à análise: *a noção de acontecimento, série, regularidade e condição de possibilidade*. Vemos que tais noções estão em oposição, termo a termo, a outras: o acontecimento à criação, a série à unidade, a regularidade à originalidade, e a condição de possibilidade à significação. Estas quatro últimas noções - *criação, unidade, originalidade, significação*- têm dominado, de uma maneira geral, a história tradicional das idéias²⁴, na qual, de comum acordo, se procura o ponto da

²⁴A proposta de Foucault é afastar-se da história das idéias para escapar do campo das representações, argumentando contra a atribuição de valor superior a determinados códigos éticos ou certas regras de verdade. Deste modo, ele afasta-se da tradição histórica e filosófica, que procura definir quais as verdadeiras regras de conduta do homem e da racionalidade, buscando a verdadeira ética ou a verdadeira ciência. Ao negar a história das representações ou das idéias, afirma-se a história das problematizações; pois "afinal, é esta a tarefa de uma história do pensamento por oposição à história das representações: definir as

criação, a *unidade* de uma obra, de uma época ou de um tema, a marca da *originalidade* individual e o tesouro indeterminado das *significações* ocultas (FOUCAULT, 2003: 54).

Apesar de essencialmente histórica, a abordagem foucaultiana é, conforme ele próprio frisa, filosófica e não deve ser confundida com a do historiador.

São estudos de história pelos campos que tratam e pelas as referências que assumem; mas não são trabalhos de historiador(...) são – se quisermos encará-los do ponto de vista de sua pragmática – o protocolo de um exercício que foi longo, hesitante, e que freqüentemente precisou se retomar e se corrigir. Um exercício filosófico: sua articulação foi a de saber em que medida o trabalho de pensar sua própria história pode liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente. (PORTOCARRERO, 1998, p. 43 - 44)

A história das problematizações²⁵ de Michel Foucault, se realiza por uma arqueologia dos saberes²⁶ e de sua integração a uma genealogia dos poderes, que permite traçar suas práticas. A história arqueológica permite delinear a forma das problematizações por meio da pesquisa do surgimento dos saberes, explicitando o nível do discurso, ao passo que a genealogia remete à prática em que se exercem as relações de poder.

A história, no modo como é praticada hoje em dia, não se afasta dos *acontecimentos*²⁷, pelo contrário, ela alarga-lhes incessantemente o campo; descobre incessantemente novas camadas, mais superficiais ou mais profundas; isola incessantemente conjuntos novos, em que os acontecimentos são por vezes numerosos, densos e substituíveis, e por vezes raros e decisivos. Mas o importante é que a história não considera um *acontecimento* sem definir a

condições nas quais os ser humano problematiza o que ele é, e o mundo na qual ele vive” (Foucault, 1984:14) In: Portocarrero. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências - abordagens contemporâneas*. Editora FioCruz, 1998.

²⁵A história das problematizações ou história da verdade, ao contrário das história das idéias, se afasta do campo da representação, argumentando contra a atribuição do valor superior a determinados códigos de ética ou certas regras de verdade; mas se inserem em uma linha da história da verdade determinada pelo espaço teórico, político e institucional dos campos onde se ituam os saberes, sem se restringir à ciência. In: Portocarrero. Id., *ibid*, 1998.

²⁶Foucault, filósofo inquieto, se interessou em estudar objetos que se relacionam a temas intencionalmente relacionados a pontos muito densos de relações de poder e produção de saber, como a sexualidade, a criminalidade, a loucura, o internamento. Em meio a esses estudos e pesquisas epistemológicas, ele desenvolveu uma metodologia de trabalho que ficou conhecida como: arqueologia dos saberes e genealogia dos poderes. Na pesquisa arqueológica, Foucault responde a questão “como?” os saberes emergem e se transformam, a partir da constituição de novos saberes, privilegiando as inter-relações discursivas e sua articulação com as práticas—família, igreja, justiça, hospital etc. A genealogia complementar esta análise, tentando responder a questão do “porquê” dos saberes, da “origem” de sua existência e de suas transformações, situando-os como peças de relação de poder ou como dispositivo político de natureza essencialmente estratégica. In: *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

²⁷“(...) o acontecimento, não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito de sua da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria

série de que ele faz parte, sem especificar o modo de análise da qual esta *série* depende, sem procurar conhecer a *regularidade* dos fenômenos e os *limites de probabilidade* da sua emergência, sem se interrogar sobre as variações, sem determinar as condições das quais dependem. É claro que há já muito tempo que a história não procura compreender os *acontecimentos* pelo jogo das causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado; mas não o faz para encontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. Fá-lo para estabelecer as diversas *séries*, entrecruzadas, muitas vezes divergentes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o *lugar do acontecimento*, as margens do seu acaso e *regularidade*, as *condições* do seu aparecimento (FOUCAULT, 2003, p. 55 - 56).

Ao seguir esses princípios e ao ater-se a esse horizonte, as análises que Foucault (2003:60), são dispostas segundo dois conjuntos. De um lado, a perspectiva “crítica”, que põe em ação o princípio de *inversão*: procurar distinguir as formas de exclusão, de limitação e de apropriação a que nos referimos atrás; mostrar como é que se formaram, a que necessidades vieram responder, como é que se modificaram e deslocaram, qual o constrangimento que exerceram efetivamente, em que medida é que foram modificadas. De outro lado, a perspectiva “genealógica”, que põe em ação os outros três princípios: como é que se formaram as *séries* de discurso, se por intermédio, ou com o apoio, ou apesar dos sistemas de exclusão; qual foi a norma *específica* de cada série e quais foram as suas *condições de aparecimento*, de crescimento, de variação.

A perspectiva crítica em primeiro lugar. Um primeiro grupo de análises poderia incidir naquilo que Foucault (2003) designou como funções de exclusão. Estudamos anteriormente algumas dessas funções num período determinado: tratava-se da partilha entre a loucura e a razão na época clássica (segundo Foucault, um procedimento exteriores de controle do

discurso- separação da razão e da loucura). e, poderemos tentar analisar um sistema de interdito, um procedimentos exteriores de controle do discurso: a interdição. (in FOUCAULT, 2003: 61).

Do imediato, nos deteremos no terceiro sistema de exclusão: a oposição do verdadeiro e do falso- a vontade de verdade. Consideraremos, como Foucault (2003), de duas maneiras: por um lado, gostaria de descobrir como é que foi feita a escolha da verdade e também como ela foi repetida, reconduzida, deslocada, uma verdade no interior da qual nós estamos retidos, mas que é por nós incessantemente renovada; Foucault, se deteve na viragem do século XVI para o século XVII, na época em que apareceu, na Inglaterra sobretudo, uma ciência da observação, do relato, uma certa filosofia natural sem dúvida inseparável do estabelecimento de novas estruturas políticas, inseparável também da ideologia religiosa: uma nova forma de vontade de saber²⁸.

Finalmente, o ponto de referência será o início do século XIX, com os grandes atos fundadores da ciência moderna, a formação de uma sociedade industrial e a ideologia positivista que a acompanha.

É ainda nesta perspectiva crítica, mas num outro nível, segundo Foucault (2003:63), pode ser feita a análise dos procedimentos de limitação dos discursos, dos quais designamos há pouco: o princípio do *autor*, o princípio do *comentário* e o da *disciplina*. Pode-se pensar, nesta perspectiva, num certo número de estudos. Pensemos, em uma análise que incidiria na história da medicina do século XVI ao século XIX; não se trataria tanto de assinalar as descobertas feitas ou os conceitos utilizados, mas de apurar como é que os princípios do *autor*, *do comentário* e *da disciplina* atuaram na construção do discurso médico e em todas as instituições que o suportam o transmitem e o reforçam; procurar saber como é que se exerceu o princípio do grande autor:

Hipócrates, Galeno, claro, mas também Paracelso, Sydenham ou Boerhaave; como é que se exerceu - e até tarde, no século XIX - a prática do aforismo e do comentário, como é que essa prática foi pouco a pouco substituída pela prática do próprio caso a analisar, pela recolha de casos, pela aprendizagem clínica sobre um

²⁸Atuando numa dinâmica particular de poder, estas práticas possuem uma tecnologia própria de sujeição imperceptível, pois parece permitir o que não permite, fala do que não se pode falar, estimula a *vontade de saber*, libera para controlar. In: *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 9 ed., 2003.

caso concreto; e finalmente, qual o modelo em que a medicina procurou constituir-se como disciplina, apoiando-se primeiro na história natural, depois na anatomia e na biologia.. (FOUCAULT, 2003: 64)

São alguns dos projetos “foucaultiano” quanto ao aspecto crítico da tarefa, quanto à análise das instâncias de controle discursivo. Em relação ao aspecto genealógico, este diz respeito à formação efetiva dos discursos, seja no interior ou no exterior dos limites do controle. A crítica analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e unificação dos discursos; a genealogia estuda a sua formação, que é simultaneamente dispersa, descontínua e regular. A bem dizer, estas duas tarefas não são nunca totalmente separáveis; não há, de um lado, as formas de rejeição, de exclusão, de reagrupamento; e depois, do outro lado, o brotar espontâneo dos discursos, que, imediatamente antes ou depois da sua manifestação, são submetidos à seleção e ao controle (é o que sucede, por exemplo, quando uma disciplina ganha a forma e o estatuto de discurso científico); e inversamente, as figuras de controle podem formar-se no interior de uma formação discursiva (como a crítica literária enquanto discurso constitutivo do autor).

Referíamos, há pouco, a um possível estudo: o dos interditos que atingem o discurso da sexualidade. Em todo o caso, seria difícil e abstrato levar a cabo este estudo sem analisar o conjunto dos discursos literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, e jurídicos igualmente, discursos onde se trate da sexualidade, ou onde ela se encontre nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada. Conforme nos diz Foucault (2003:67): “estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular sobre a sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe, não estejamos indo nessa direção”. Pouco importa. Os interditos não têm a mesma forma e não funcionam da mesma maneira no discurso literário e no discurso da medicina, no discurso da psiquiatria ou no discurso da direção de consciência. E, inversamente, essas diferentes regularidades discursivas não reforçam, não contornam ou não deslocam da mesma maneira os interditos. Por conseguinte, o estudo só se poderá fazer com

base nas pluralidades de séries onde os interditos vêm intervir, e que, pelo menos em parte, são diferentes em cada série.

Neste sentido, poderíamos considerar, também, as séries de discursos que no século XVII e XVIII eram concernentes à riqueza, à pobreza, à moeda, ao comércio. Trata-se, então, de enunciados muito heterogêneos, formulados pelos ricos e pelos pobres, pelos sábios e pelos ignorantes, protestantes ou católicos, oficiais reais, comerciantes ou moralistas. Cada qual tem a sua forma de regularidade, e igualmente seus sistemas de coerção. Nenhum deles prefigura exatamente essa outra forma de regularidade discursiva que tomará forma de uma disciplina e chamará “análise das riquezas”, depois “economia política”. É, contudo, a partir deles, que se formou uma nova regularidade, retomando ou excluindo, justificando ou descartando alguns dos seus enunciados (FOUCAULT, 2003: 68).

Assim, as descrições críticas e as descrições genealógicas devem alternar, apoiar-se umas nas outras e completar-se. A parte crítica da análise prende-se com os sistemas de envolvimento do discurso; ela visa assinalar e distinguir esses princípios de prescrição, de exclusão, de raridade do discurso. A parte genealógica da análise prende-se, pelo contrário, com as séries da formação efetiva do discurso, visa captá-lo no seu poder de afirmação, o poder de constituir domínios de objetos, em relação aos quais se poderá afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas (FOUCAULT, 2003: 70).

Em todo o caso, há pelo menos uma coisa que deve ser destacada: “a análise do discurso, (...), não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Raridade e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante”²⁹.

Pensamos, tomando “emprestado” de Foucault algumas de suas colocações, que esta monografia, articulada em alguns livros maiores, e mais ainda, investida em investigações no

ensino, em uma responsabilidade pedagógica e política, cruzou, formulou alguns dos problemas da nossa época.

É por dele ter recebido, sem dúvida, o sentido e a possibilidade daquilo que fazemos, por muitas vezes ter nos esclarecido quando nos tateava às cegas; é por essa razão que colocamos o trabalho na sua direção, onde ao mesmo tempo experimentamos a sua ausência e a nossa imperfeição que se cruzam as questões que agora colocávamos. E compreendemos melhor, por que há pouco tivemos tantas dificuldades em começar.

Os doces corpos nas revistas femininas adultas

*Há mais razão no seu corpo do que na sua melhor sabedoria .
Nietzsche*

O mercado editorial das revistas, disponibiliza uma grande variedade de gêneros de publicações contemplando os mais diversos temas. Dentre desses, existe um gênero de publicação definida sociologicamente para um segmento específico da sociedade - as mulheres. Vemos disponível um grande número de publicações tem como tema e alvo as mulheres. O conjunto dessas revistas perfazem números significativos no mercado editorial brasileiro, estando estabelecidas mundial e nacionalmente há muito tempo³⁰.

Não é por acaso que por constituírem um meio de comunicação de massa, as revistas femininas têm grande circulação entre as mulheres. Para vender esse produto, a indústria publicitária não poupa esforço. Diferentes noções de feminilidade são criadas e surgem as contradições. Ao mesmo tempo que a revista *Nova*³¹, conforme destaca Babo (2000), se dirige a uma mulher moderna, ela continua reforçando discursos e valores tradicionais no que diz respeito à sexualidade – nota-se uma preocupação por parte da revista, em passar a idéia de

²⁹ In: FOUCAULT. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 9 ed., 2003, p. 70.

³⁰ A revista *Claudia*, por exemplo, está há 43 anos no mercado brasileiro; *Nova*, há 32, *Boa Forma* há 19 e mesmo a recente *Marie Claire* já comemorou seu décimo terceiro aniversário em abril.

que o sexo é parte de uma relação duradoura, com base na crença de que o sexo pode trazer, perpetuar ou mesmo revitalizar o amor; e à representação de gênero – qualquer mulher sonha em se casar e ser muito feliz com o seu marido.

(Re)visitando memórias, encontro Benjamim³², reencontro Foucault³³, passando a penetrar no âmago das questões que estudamos, considerando a importância da memória e da história descontínua, inacabada, sem ter certeza do caminho que iremos seguir.

Desafios, que me fazem (re)viver, (re)lembrar, em um vai e vêm descontínuo. Certa vez, olhando uma revista, li algo sobre a relação entre esse padrão de corpo que desfila nas passarelas de moda, que habita as revistas e anúncios publicitários. A matéria trazia dados sobre uma pesquisa que indicava que há vinte anos atrás o corpo das *top models* estava 8% abaixo do peso da média das mulheres. E que, atualmente esse número cresceu para 25%.

Não saberia agora citar a fonte dessa leitura que fiz há algum tempo atrás, mas independente da verdade de tal informação, esse dado aponta para um fato que merece maior investigação. Certamente, uma pessoa que tenha uma dieta rica e saudável possui um corpo mais opulento do que o ostentado pelas “modelos” da moda. As revistas femininas legitimam o discurso do “corpo magro”- o corpo ideal- que as mulheres devem tentar alcançar. Os anúncios publicitários nela veiculados, usam mecanismos retóricos para justificar tentativas de alcançar esse padrão proposto.

Entretanto, esse corpo não se encontra em um cânone pronto e acabado, ele está pulverizado em cada discurso, no interior de cada revista que dele trata. A partir de uma diversidade de interesses e ângulos, oriunda de setores distintos da sociedade, o corpo feminino é fragmentado em partes mínimas de discursos, que visam ora saúde, ora beleza, ora

³¹ Estas observações podem se estender também a revistas de perfil semelhante como: *Marie Claire*, *Claudia*, *Criativa*, *Vip Exame e Boa Forma* in: BABO, T. *Análise de discurso de leitoras de revistas femininas*. Trabalho não publicado, 2000.

³² Benjamin nos propõe *escovar a história a contrapelo* e refutar as ilusões prometidas pelos diversos matizes de lógicas universalistas, recolhendo da história um fragmento, é que tomamos a história da vida mulher como foco basilar das pesquisas dessa monografia. In: *A origem é o alvo*. Magia e Técnica, Arte e Política, 1993.

³³ Foucault se aproxima de Walter Benjamin, quando garimpa a genealogia dos grandes temas vivenciados pelo homem ocidental, por meio da descrição minuciosa das práticas sociais, observadas em sua descontinuidade histórica, ou seja, práticas sociais que

juventude, ora emagrecimento, em um processo constante de luta por tornar-se a definição mais aceita neste campo (BABO: 2000).

Após o movimento feminista dos anos sessenta, as mulheres sem dúvida conquistaram direitos, que, todavia, não substituíram antigas “tarefas” atribuídas as mulheres. Pelo contrário, traduziram-se no campo social como “conquista” de novos deveres. Segundo este discurso, uma mulher “ideal”, além de ser boa mãe, dona de casa e esposa, também deve ser bem-sucedida profissionalmente, sexy, bem informada, inteligente, excelente amante e magra (BUIIONI, 1990).

A mulher se encontra diante de muitas outras questões de ordem social. O simples fato de conciliar as tarefas concernentes a uma atividade profissional e à maternidade, requer posicionamentos por parte da mulher que envolvem papéis sociais, culpa, coerção e interação com outros atores. Dessa mesma forma, a mulher se vê, na prática da feminilidade, tendo que lidar com questões familiares, profissionais. Neste capítulo, direcionaremos o foco deste trabalho monográfico na questão da corporeidade feminina por acreditar que ela é fundante no processo de construção dos sujeitos sexuais: muito da feminilidade, da sexualidade da mulher, passa pela articulação de significados aos referentes corporais femininos.

O mercado das revistas destinadas ao público feminino refere-se exaustivamente à conquista do “corpo ideal”. A maioria das edições de publicações desse tipo faz alusões a dietas equilibradas, tabelas de calorias de alimentos, exercícios físicos e sugestões de que a mulher deve estar em forma para o próximo verão, perpetuando ano após ano o discurso da sujeição do corpo feminino: o corpo feminino disciplinado.

Enfim, descobriu-se o corpo como objeto e alvo do poder, que pode ser modelado, manipulado e controlado. Essa espécie de “corpo dócil” como afirma Foucault, também se habita no “corpo feminino ideal” que está inserido no campo discursivo da moda, da

publicidade, das revistas femininas, que não coincide e que parece mesmo ignorar o biotipo feminino de fato. Assim, Foucault (1994, p. 126) define o corpo dócil: “(...) um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

O dispositivo de sexualidade, segundo Foucault, vai atuar sobretudo sobre o corpo do homem e é a partir do Século das Luzes (sec. XVIII) que o corpo é descoberto *como* “objeto e alvo de poder”³⁴. O corpo enquanto instrumento de desejo, de prazer, lugar privilegiado de sensações, lugar do sexo anato-biológico, como possibilidade de manifestação de uma sexualidade, o corpo que trabalha, tem de ser disciplinado, vigiado. Mas, acima de tudo, tem de ser saudável. É com essa perspectiva que o poder disciplinar investiu sobre o corpo.

Foucault, no seu livro *Vigiar e Punir*, estuda o poder disciplinar exercido sobre os corpos. Neste sentido, é esclarecedor para nós educadores, compreender as técnicas e mecanismos disciplinares usados outrora e hoje³⁵ nas escolas, que viabilizam e organizam o sistema poder-submissão em sua versão micro, do dia a dia, do corpo.

Essa disciplina é uma fórmula de dominação desde os séculos XVII e XVIII. No entanto, esta se difere da escravidão, da vassalidade de outrora. A disciplina evidenciada refere-se a uma arte do corpo em que “o corpo humano” entra numa maquinaria de poder que o “esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 1994, p. 127), tornando este corpo tanto mais obediente quanto útil.

Conforme o autor citado, as disciplinas podem ser encontradas em diferentes formas, porém com a mesma essência nos colégios (pedagogia escolar), hospitais (educação cristã), organizações militares (pedagogia militar), prisões, ou seja, sob a forma de treinamento. E instaura-se por meio de técnicas minuciosas, que Foucault (1994, p. 128) chama de a “microfísica” do poder, e que se refere a: “(...) um certo modo de investimento político e detalhado do corpo (...)”, “uma espécie de (...) anatomia política do detalhe”.

³⁴ FOUCAULT. *Vigiar e punir*. história da violência nas prisões. Petrópolis, Vozes, 1994, p.125

Tais considerações nos aproximam do caráter político implícito das tradicionais instituições: igreja, a escola, o hospital, a prisão, o quartel. Na escola, a disciplina, posiciona os sujeitos dentro de sua estrutura social conferindo-lhes uma homogeneização de corpos e mentes; Foucault (1994) nos alerta que isto acontece por intermédio de práticas sociais “sutis” e “não-sutis” no estabelecimento de certos rituais, como filas, notas, regras disciplinares, discursos, currículos, organização dos ritmos e tempos.

Em uma das nossas oficinas pedagógicas intitulada: *Teatro do Oprimido*, realizada junto as professoras queimadenses³⁶, foi possível perceber por meio de uma representação cênica, que o controle dos corpos encontra-se presente nas escolas públicas de Queimados:

O sinal para recreio tocou e todos os alunos desceram, correram e fizeram muita bagunça durante o recreio. Quando tocou o sinal do fim do recreio, a pedido da professora os alunos formam uma fila e só depois de estarem alinhados e quietos (lembrando estrutura militar) voltaram para a sala de aula.

No que diz respeito às revistas, não só elas, mas todo o sistema de mídia do qual elas são parte, fazem o seu papel na reprodução dos discursos que cristalizam relações de poder sobre a sexualidade e o corpo feminino socialmente estabelecidas. Nessas publicações, esse material encontra-se concentrado entre os anúncios e textos jornalísticos, tornando, as revistas em questão, um local privilegiado para pesquisar os discursos que justificam a conformação do corpo feminino a um dado padrão (BUIFONI, 1990).

Em *Vigiar e Punir*, no capítulo *Corpos Dóceis*, Foucault, inicia o texto abordando o corpo do soldado como ponto de partida para sua narrativa. Neste sentido, o soldado do século XVII, com o seu corpo exposto como um baluarte, evidenciando o significado do corpo referente à força e à valentia, representa um contraste vivo da figura do soldado da segunda metade do século XVIII, com seu corpo inapto, uma massa controlada que revela seu

³⁵ Em meio as minhas observações em disciplinas de pesquisa prática pedagógica no curso de Pedagogia da UNIRIO, e em relatos das professoras queimadenses, ficaram evidentes que as técnicas “disciplinares”, sutis ou não, de coerção ao corpos e mentes- filas, notas, regras disciplinares- continuam presentes nas escolas públicas e particulares brasileiras.

³⁶ Essa atividade foi realizada no dia 25 de setembro de 2003 no Município de Queimados.

automatismo, um corpo que se fabrica conforme as necessidades, isto é, uma máquina útil para suprir o que for preciso.

Dando continuidade ao pensamento do autor, em *Corpos Dóceis*, no subtópico *A Arte das Distribuições* são indicadas técnicas disciplinares, com base na distribuição espacial dos indivíduos, como forma de domar os corpos. No entanto, a clausura por si só não é suficiente, necessitando de uma forma mais “fina” de controle, o “quadriculamento”, que pressupõe disciplinar os corpos pelo espaço. O exercício da disciplina se funda, desta forma, a partir da distribuição dos indivíduos no espaço, como por exemplo nos colégios, quartéis, hospitais e cárceres, sendo esta condizente com uma organização retangular ou quadricular que, funcionalmente, é mais eficiente para o controle dos corpos individuais.

Assim, o autor cria o conceito de “quadros vivos” como sendo a primeira das grandes operações da disciplina, de forma a organizar a multiplicidade dispersa, manter o controle e, dominando, impor uma ordem. Esta forma de disciplina se operacionalizou desde o século XVIII através de quadros “que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas” (p. 135).

Na parte referente ao *Controle da Atividade*, outro subtópico de *Corpos Dóceis* Foucault insere o conceito de horário como forma de controle, e que deve ser útil, ou seja, o corpo tem que seguir um padrão de horário a fim de se estabelecer prazos e limites para as produções do mesmo. Desta forma, “o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (p.138). Daí surge a relação entre o gesto e a atitude global do corpo, dentro dos princípios de eficácia e rapidez, na qual todo movimento deve pressupor a utilidade de suas partes – “um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente” (p. 139). Em outras palavras, este controle surge a partir da articulação corpo-objeto, na qual se manipula o corpo como uma máquina, ou seja, o ser humano é percebido como tal e precisa produzir em tempo hábil, independente das carências não supridas e que desqualificam sua existência

como ser Humano. Assim, a disciplina deve estabelecer uma economia positiva, deve utilizar o tempo ao máximo, maximizar a utilidade, não deixando espaço para o ócio. Desta forma, “o comportamento e suas exigências vão pouco a pouco substituir a simples física do movimento. O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo” (p. 141).

Exemplificando esta relação entre disciplina e corporeidade, podemos considerar que o controle do corpo da mulher se propaga a partir da articulação corpo-objeto, na qual se manipula o corpo como uma máquina, que precisa produzir em um tempo hábil, conforme foi dito anteriormente, a mulher é percebida independente de suas carências, sejam elas afetivas, sociais e econômicas, não supridas.

É na vida cotidiana dessas mulheres que essas práticas e discursos se legitimam, contribuindo para que essa definição social “corpo-objeto” permaneça exatamente como está. Por meio de práticas, de consumos específicos, de perpetuação de discursos, as mulheres participam ativamente deste atávico processo histórico que as oprime.

Em uma análise preliminar do material escolhido para o desenvolvimento desse trabalho, deparei com uma matéria intitulada “Medidas Extremas”, na revista *Criativa Junho 2000*, que dava detalhes sobre uma nova modalidade cirúrgica, onde percebemos, a articulação do corpo-objeto. A técnica consiste em diminuir o tamanho do estômago, de 1500 para 20ml, de quem quer ficar “magra para sempre”.

O texto da reportagem comemora a novidade como um “milagre” e afirma:

Possíveis náuseas e vômitos da fase de adaptação parecem nada diante (...) dos sacrifícios impostos por incontáveis dietas malsucedidas. Estas mulheres só se arrependem de uma coisa: não ter operado antes. (NABUCO, 2000, p. 80)

O mercado de cirurgias e microcirurgias de “correções” de alguma(s) imperfeições dos corpos e rostos femininos cresce e movimentam milhões. Métodos novos de dieta atravessam

continentes angariando milhares de adeptos e levantando altas cifras monetárias por onde passam através de poderosas instituições internacionais.

Essa concepção do corpo encontra-se refletida nos produtos midiáticos, e, no caso das revistas femininas, apresenta-se como um composto de “partes” suscetíveis de melhoramento ou correção. A exposição dos corpos *seminus* nas revistas, ou partes deles, também despersonaliza os corpos, “coisificando-os”. Assim, o corpo feminino é visto como um “inimigo”, um “objeto” a ser vencido através do auto-controle, através do esforço demandado pelas práticas de construção do corpo.

Podemos observar esta “despersonalização” do corpo da mulher, nos versos de *Rita Lee*, a cantora, a compositora, a mulher e a brasileira:

Pagú

Rita Lee

Mexo e remexo na inquisição
 Só quem já morreu na fogueira sabe o que é ser carvão
 Eu sou pau pra toda obra
 Deus dá asas à minha cobra
 Minha força não é bruta
 Não sou freira, nem sou puta

Porque nem
 Toda feiticeira é corcunda
 Nem toda brasileira é bunda
 Meu peito não é de silicone
 Sou mais macho que muito homem

Sou rainha do meu tanque
 Sou Pagú indignada no palanque
 Fama de porra louca... tudo bem
 Minha mãe é Maria ninguém

Não sou atriz
 Modelo ou dançarina
 Meu buraco é mais em cima

Porque nem
 Toda feiticeira é corcunda
 Nem toda brasileira é bunda
 Meu peito não é de silicone
 Sou mais macho que muito homem

A codificação instrumental do corpo, como destaca Rita Lee “porque nem (...) nem toda brasileira é bunda, meu peito não é de silicone”, estabelece a decomposição do corpo da mulher brasileiras como um todo, em partes, que precisa ser melhorado, regulamentando-o, e estabelecendo uma minuciosa engrenagem entre o *corpo e o objeto*.

Ainda, neste sentido do corpo-objeto, Bourdieu considera que o corpo feminino, é um “corpo para o outro”, objetificado pelo olhar e pelo discurso dos outros. A relação da mulher com o próprio corpo não se reduz a uma auto-imagem corporal. A estrutura social dessa relação está na interação, nas reações, na representação que um corpo provoca no outro e como essas reações são percebidas. As mulheres são objetos simbólicos da dominação social e o efeito dessa estrutura coloca a mulher em um estado perene de insegurança corporal, “elas existem primeiro para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis” (BOURDIEU, 1999: 82). Assim, esse padrão que torna a mulher dependente do olhar do outro – não só dos homens – traz como consequência a introjeção desse mesmo olhar, que se torna parte constitutiva do próprio ser feminino.

Desta forma, Bourdieu e Foucault se aproximam na subordinação dos corpos, pois tanto “o corpo para o outro” como a “disciplinação dos corpos”, aproximam-se de um “corpo-objeto”, “coisificado” e, desta forma, um privilegiado *locus* de controle social.

Apesar de estarmos enfatizando neste capítulo monográfico os mecanismos coercitivos no controle dos corpos da mulheres, cabe ressaltar, que a disciplina atua ao mesmo tempo sobre o corpo do homem, da mulheres, das crianças controlando seus gestos e comportamentos, através de técnicas como testes, entrevistas, interrogatórios, consultas, observações, constituindo-se em toda uma tecnologia de dominação.

Além disto, Foucault estabelece também o conceito de intercâmbio dos elementos como forma de dominação, pois a determinação do local próprio de cada um (a posição na fila) e a distância entre um e outro, individualiza e despersonaliza os corpos, “coisificando-os”. Logo, estabelece-se que “as disciplinas”, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo “arquiteturais, funcionais e hierárquicos” (1994: 135).

O corpo é submetido a uma série de “controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todo um micropoder sobre

o corpo”³⁷. Estas técnicas de dominação classificam e objetivam os indivíduos, buscando um de padrão social coletivo. Neste sentido, podemos pensar pela busca das mulheres de um corpo conquista do “corpo ideal” uma espécie de padronização social e midiática do corpo feminino magro, atraente, sexy. A classificação e a objetivação são aceitas, internalizadas e adotadas pelo indivíduo e pelo sua sociedade, sendo que o primeiro passa a ser “polícia” de si mesmo e de uma sociedade “normal”. Com isso, as técnicas de dominação transformam os indivíduos em sujeitos, aqui no sentido de sujeição, em indivíduos subjugados.

Em *Corpos Dóceis*, no subcapítulo *Organização das Gêneses*, o referido autor estabelece quatro processos básicos de organização da disciplina como forma de capitalização do tempo: a) dividir a duração da atividade em segmentos sucessivos ou paralelos; b) organizar as seqüências seguindo um esquema; c) finalizar os segmentos e terminá-los por meio de uma prova; d) estabelecer séries de séries, prescrevendo a cada um dos exercícios mais convenientes. No entanto, tal progresso e evolução nada mais são do que a manifestação do poder numa historicidade, ou seja, “uma macro e uma microfísica do poder permitiram, não certamente a invenção da história a integração de uma dimensão temporal, unitária, cumulativa no exercício dos controles e na prática das dominações” (p.145). A *macro e microfísica do poder* estabelecem novas técnicas / maneiras de gerenciamento do tempo, no sentido de torná-lo útil.

Prosseguindo nessa linha de raciocínio, em *A Composição das Forças*, o autor procura demonstrar como as disciplinas trabalham no sentido de atender à demanda de força pela articulação das partes que compõe uma máquina humana, de modo a se obter um aparelho eficiente.

Assim, o corpo individual é colocado junto a outros corpos, de modo a, ordenadamente, formarem um todo articulado, ou seja, se torna uma “(...) peça de uma máquina multissegmentar” (1994, p. 148), e a disciplina deve ordenar este todo a partir de uma

³⁷ FOUCAULT. *História da sexualidade: a vontade de saber*, 1990, p. 137.

composição temporal, de séries cronológicas ajustadas de forma a extrair o máximo de forças de cada peça, a fim de obter-se o melhor resultado. Para que isto seja possível, se torna necessário um sistema de comando eficiente, com ordens claras, breves e precisas que produzam o efeito desejado, preferencialmente a partir de sinais, de um código, sem a necessidade de explicações.

Assim, o corpo com sua singularidade se articula a outros corpos através da dinâmica do movimento, como comportamento motor, a fim de melhor ser controlado numa determinada temporalidade e espacialidade, com o propósito de produzir melhor, devido à fusão de força e energia individuais concentradas. Para isto, torna-se necessário que todos os corpos articulados conheçam os mesmos sinais, para que haja harmonia de gestos e eficiência na produção final. A harmonia de uma tropa após a manifestação de um comando, é um bom exemplo de reconhecimento de sinais, bem como a repetição de comandos ginásticos ditados por um professor e seguidos “religiosamente” por seus alunos.

Foucault nos alerta que, ao contrário do que se possa pensar, este investimento sobre o corpo humano não ocorreu inicialmente sobre o proletariado. O controle começou nas classes privilegiadas. Foi nelas, economicamente privilegiadas e politicamente dirigentes, que se construíram e se aplicaram as técnicas mais rigorosas de controle sobre o corpo e no centro deste controle: a sexualidade.

Nas sociedades burguesas o poder utilizou o corpo como um bem material e físico que precisa ser modelado, vigiado, por isso é preciso falar dele, investir diretamente sobre o corpo do indivíduo. Corpo individual, onde a luxúria pode manifestar-se, e com isso, compromete-lo e, mais amplamente, o corpo social, político e econômico.

Fazendo parte de um projeto político para se consolidar enquanto classe emergente, uma das primeiras preocupações da burguesia “foi a de assumir um corpo e uma sexualidade, de garantir para si a força, a perenidade, a proliferação secular deste corpo através da organização de

um dispositivo de sexualidade”³⁸. Assim, a partir do século XVIII se desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo.

Foucault entende que, desde o fim do século XVIII até o fim do século XIX o investimento sobre a família, em especial, na mulher e na criança, foi fundamental para a consolidação da burguesia. Não era ao filho do povo a quem se deveria ensinar as disciplinas do corpo. Não era o filho do povo que preocupava médicos e educadores por suas práticas onanistas (masturbação). Quem estava ameaçado por esta “doença” era a criança cercada de serviçais, e de governantas. Este comportamento ameaçava a capacidade física e mais ainda, a capacidade intelectual, comprometendo o futuro sadio da família e de sua classe social. Era necessário se constituir uma descendência sadia, para uma sociedade sadia (1990:114). Neste momento, a mulher torna-se alvo de preocupação.

O dispositivo de sexualidade investiu sobre a mulher “ociosa” nos limites do “mundo” e da família. A ela é atribuído um novo rol de obrigações conjugais e parentais, entre elas o fortalecimento do papel de mãe. A mulher é “sexualizada”, sendo qualquer contestação considerada desvio. Assim apareceu a mulher “nervosa”, sofrendo de “vapores”³⁹.

O olhar sobre o corpo e o sexo do proletariado pouco importava inicialmente, e os pobres, por algum tempo, escaparam do dispositivo de sexualidade. Só na segunda metade do século XIX é que este dispositivo investe sobre o proletariado com o objetivo de fixá-lo ao processo de produção, sujeitando-o politicamente enquanto classe. Só quando o proletariado começou a constituir-se problema para o Estado, é que se direcionou o olhar sobre ele.

Desta forma, o dispositivo sexual passou a ser apropriado por todos. No século XX, há um estímulo a se querer o sexo, a se fazer sexo, a desejar o sexo, este estímulo é claramente exposto nas revistas femininas: a partir de processos de enunciação, desenvolve-se um “modelo de conselhos e dicas sexuais” e que visa principalmente monitorar certas dimensões

³⁸Id., *ibid.*, p. 119.

³⁹Id., *ibid.*, p. 114.

do corpo e do discurso sexual feminino. Edgar Morin (1986: 111) aponta esse caráter de conselheira das revistas, que traz “além das informações, conselhos, e incitamentos de toda ordem”. Assim, nessas revistas, o discurso do sexo é desejável, há estímulo a se querer o sexo, tendo, neste desejo, sua base de sustentação mais eficaz:

Com a criação deste elemento imaginário que é “o sexo”, o dispositivo de sexualidade suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo - desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articular em discurso, formulá-lo em verdade. Ele constituiu “o sexo” como desejável. (...) Não acreditar que dizendo-se sim ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha geral do dispositivo de sexualidade. (FOUCAULT, 1990, p. 147)

Considerando, que o dispositivo de sexualidade, segundo Foucault, vai atuar sobretudo sobre o corpo do homem, a partir do Século XVIII, quando o corpo é descoberto *como objeto e alvo de poder*. A burguesia, enquanto classe emergente, se preocupou em assumir o corpo – como forma de garantir para si a força, a perenidade, a proliferação secular deste corpo através de sua organização em unidades “úteis e dóceis”.

“Úteis” para produzirem mais e em melhores condições de eficiência, dentro do ideário capitalista burguês. O ideal do lucro, da razão custo-benefício, que abomina tudo aquilo que se caracterize desvio, imperfeição, abstração. “Dóceis”, para se sustentar a hierarquia social e de comando. Corpos dóceis sim, para se neutralizar e melhor ainda, prevenir, toda rebeldia e subversão. Não é por acaso, que os soldados modernos e contemporâneos são treinados com um sistema de comandos de movimentos extremamente detalhista, rígido.

No caso dos soldados, permanentemente armados, não é difícil dizer porque a docilidade ocupa atenção especial. Ela é importante, pois greves e insubordinações são perigosas e antiprodutivas. Foucault (1994), então descreve os rituais a que os operários são submetidos numa fábrica, onde a disciplina é muito rígida. O foco é sobre a relação entre o tempo e a produtividade. Atrasos, desatenção, conversas paralelas (como dizem alguns professores repreendendo alunos nas salas de aula) não são permitidos.

E o que dizer das escolas que deveriam libertar? Elas não impõe uma rígida rotina e disciplina aos alunos, com seus sistemas de ajustamento em filas, em horários? O objetivo é que os alunos se tornem úteis e dóceis, que aprendam o suficiente para produzirem no mercado de trabalho e que não assimilem aquilo que é inútil e potencialmente perigoso ao capital. Será que as salas de aula e as escolas precisavam ser a maneira que são, em termos de instalações físicas? Poderiam haver outras formas e locais de ensino?

Cabe ressaltar, que a docilidade é também garantida com os mecanismos “massificadores”, como a nossa Indústria Cultural de baixíssima qualidade que inibe a criatividade e o pensar, com a oferta farta de sexo, prazer, conforto tecnológico e consumismo. Mas esses elementos de massificação, de felicidade, também acabam contribuindo para a utilidade, pois até o prazer e o lazer são direcionados para se gerar consumo, movimentar a engrenagem capitalista.

Embora, as mídias representem um sistema dominante na oferta de sentidos de nossas sociedades, ela não é único. Esse processo é relacional e envolve mediações atravessadas por tensões, conflitos e ambivalências, que passam também pela família, escola e grupos afins.

As revistas endereçadas às mulheres, como parte integrante do sistema da mídia, fazem sua parte na naturalização das relações de poder socialmente estabelecidas. Esse tipo de publicação cria um clima de cumplicidade com as leitoras por intermédio de uma linha editorial que mescla texto jornalístico, dicas de compras e publicidade, como salienta Steinem (1995). Essa modalidade discursiva peculiar justifica e promove a constante (re)construção “melhoramento, compra, consumo” do corpo feminino, oferecendo às mulheres inúmeros motivos e meios para tentar buscar esse corpo idealizado (in HEILBRUN, 1995).

Theodor Adorno, um dos filósofos de Frankfurt, diz isto, quando fala que na sociedade capitalista, regida pela Indústria Cultural, direciona o nosso lazer para se adequar à relação produção-consumo. O lazer na verdade é uma continuação do trabalho na fábrica, que visa

manter os “corpos úteis e dóceis”. Na verdade, a impressão que se tem em Vigiar e Punir é que as principais instituições “disciplinadoras”: a mídia, a escola, os quartéis, o estado, a igreja, quer tornar o ser humano um autômato, aproximá-lo o máximo possível de um robô. O Estado, por exemplo, quer tornar o homem previsível, útil, domesticado, para cumprir suas funções sociais, ter sua alimentação, descanso, lazer e morrer com o “mínimo de complicações possíveis”.

E após a morte ainda dar lucros, seja com seu corpo transformado em energia, ou dinheiro, por meio da venda dos seus órgãos, com gastos funerários, com seguros ou qualquer outra forma. A Utilidade dos corpos para servirem no engodo da guerra lucrativa e ilusória. Utilidade para manterem a produção que sustenta a elite burocrática, enquanto uma parcela da população fica na miséria, e ao mesmo tempo em que temos “boas notícias” pela propaganda da mídia sobre o “aumento astronômico da produção de alimentos e produtos”, (lembremos do agronegócio brasileiro). Docilidade, porque submetidos ao sistema de vigilância contínua das câmeras- elas estão em todo lugar, em edifícios, escolas, na rua - em um ambiente de ansiedade por condenações com a anulação do ser, mais do que a morte, os cidadãos não tem como esboçar nenhuma relação efetiva, quando até o pensar diferente do Estado constitui crime. Isso me faz lembrar da religião, quando eu era menina me diziam: *até se você simplesmente pensar uma coisa suja, pecaminosa, você já pecou contra Deus.*

Essa docilidade pode ser melhor representada com a aceitação dos indivíduos de toda a sua opressão. O ponto-chave de todo o sistema, era o fato de que o cidadão achava (ou era levado a achar) que o Estado tinha razão, que ele, o indivíduo era o culpado e que o Estado não fazia mais do que sua função natural de “Vigiar e Punir”. A chave de tudo, é como na inquisição, não basta apenas a condenação, a morte do herege, é preciso e fundamental sua conversão. Que ele ame, ao final, a Igreja ou o Estado!!!!

A violência das violências! Muito mais do que qualquer tortura ou destruição física, é

o fato de se injetar um novo pensamento, uma nova doutrina por meio de uma “lavagem” cerebral. Reduz-se aquilo que nos faz humanos, a nada. Poderíamos dizer que é o máximo da desumanização. É como se programar, literalmente, um robô. Hoje um ser humano é tratado como uma máquina, sendo coisificado. Mas, amanhã ele pode perceber tal fato e mudar sua condição na história a partir de sua intencionalidade operante, pois, as pessoas não são “imbecis culturais”, que deglutem as informações obtidas sem processá-las.

Neste sentido, vale ressaltar o que Foucault (1994: 150), ao final de sua exposição sobre os corpos dóceis, nos diz, quando traça um quadro do que se deve entender por disciplina e seu efeito:

Em resumo, pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza 'táticas'. A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar.

Portanto, o autor referenciado busca evidenciar em seu pensamento aspectos que permitam uma reflexão acerca da manipulação (às vezes autorizada) dos corpos, ou melhor, do ser humano, por outros semelhantes, devido à necessidade de uns em controlar/disciplinar o outro. No entanto, este pensamento reflete a ignorância de muitos humanos acerca de sua gênese, ou seja, que o ser humano é imerso em um contexto sócio-histórico, portanto um ser cultural, que se encontra num dado momento a mercê da história, mas que também a modifica, pois esta não é retilínea e sim cíclica e descontínua. Se, hoje o humano é visto como uma máquina, sendo coisificado, amanhã ele pode perceber tal fato e mudar sua condição na história a partir de sua intencionalidade operante. As pessoas são perfeitamente competentes para administrar sua participação no processo social no qual elas estão inseridas (GARFINKEL: 1967), mudando assim a qualidade de sua existência a partir das alterações em

seu movimento no mundo , isto é, sua motricidade. Como disse Charles Chaplin, “não sois máquinas, homens é que sois”.

Considerações finais: Para não concluir...

Encontro em *Jorge Larrosa* um convite interessante:

(...) talvez seja a hora de tentar trabalhar no campo pedagógico pensando e escrevendo de uma forma que se pretende indisciplinada, insegura e imprópria.

Esta forma *indisciplinada de pensar e de escrever* me fascinara primeiramente em Foucault, embora tantos outros autores me tivessem convidado *antes...* mas, o medo até então, era maior que a curiosidade.

Michel Foucault, em sua obra *História da sexualidade I*, faz a seguinte colocação: *Não quis dizer 'eis o que eu penso', pois ainda não estou bem seguro do que formulei.* Suas pesquisas, são exercícios de uma filosofia comprometida com a mudança, que devem ser mantidas na perspectiva de ensaio, isto é, de uma produção sempre provisória e inacabada. É nesta perspectiva, seguindo os “caminhos” de Foucault, que tenho escrito esta monografia, sem ter muita certeza do que venho fazendo...

Certezas das incertezas, dobras e redobras, fios e desafios, que venho aprendendo com Maturana, Deleuze, Briggs, e cada vez mais com os outros, estou começando a ver o que antes não via, na medida em que o que até então acreditava ser a verdade científica, era na verdade uma verdade provisória, pois se mantinha como verdade, até que outra verdade (que passava a ser mais verdade) jogava aquela no limbo das não verdades. Eu ia aprendendo que a ciência sempre que se fez e continua se fazendo por rupturas e que é um espaço feroz de luta por poder – o poder de deter a verdade. Interessante é que as verdades “depostas”, como todos os vencidos, fica de “tocaia”, esperando, hibernando, e um dia volta, freqüentemente com mais força, que as foi acumulando.

Neste processo de descobertas, que a princípio me assustavam, muitas crenças, verdades, iam desaparecendo: uma ordem do discurso sexual (como foi exposto anteriormente) que tem a ênfase na razão e na ciência como inquestionáveis verdades, como se a busca de prazeres e emoções não estivessem presentes nesse complexo eixo da vida humana; acreditar que não se “falava” em sexo, mas ao contrário, se falava e muito sobre sexo, nas variadas instituições, que se tornaram microespaços de poder e, com isso, controlavam o sexo de forma pensada e articulada, e ao mesmo tempo, transformavam os *corpos* em úteis e dóceis. Então, por que dizemos que somos reprimidos? Por que nossa sociedade, há mais de um século, em relação ao sexo, fala de seu silêncio, e ao mesmo tempo, elabora um discurso acerca do sexo, criando um segredo sobre ele? Ora, ao aceitarmos esse discurso de repressão como “verdade”, pensarmos que em sexo como um segredo, estaremos contribuindo para que a repressão (poderes coercitivos) se mantenha. Essa aceitação faz com que controlemos a nós mesmos, e impede nossa liberação. Falar que o sexo não é reprimido, como nos diz Foucault (1990:14), não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os poderes discursivos que a sustentam.

Poderes discursivos que se movem, percorrem, avançam, retornam, em um vai e vêm descontínuo. Este trabalho monográfico, mas que um percurso é movimento. Movimento que resulta de muitas trajetórias e entrelaçamentos. Visitando e revisitando, memórias da minha caminhada como estudante, bem como das professoras pesquisadas por intermédio das nossas ações extencionistas, ganham notoriedade relatos, de ontem e de hoje, que a escola é intrinsecamente orientada para disciplinamentos, ênfase na razão e no controle, preocupando-se em conhecimentos especializados. Porém, a sexualidade, pede a observação de desejos e atenção para as tênues fronteira entre o prazer e a libido, não somente às capacidades reprodutivas do ser humano. Sabemos, que o humano não é apenas razão, ele é também emoção. Assim, é a própria *vida...* que envolve, além do nosso *corpo*, nossa *história*, nossos *costumes*, nossas *relações afetivas*, nossa *cultura*.

Como falávamos a pouco, segundo Babo (2000), no Brasil, são raros os autores que se dedicam ao estudo sistemático de como a mídia impressa feminina pode estar afetando ou propiciando mudanças no comportamento amoroso e sexual na contemporaneidade. Deste modo, encontramos materiais de como a mídia passa conteúdos de violência e sexo, e como a exposição a tais mensagens pode afetar crianças/adolescentes, mas muito pouco se relaciona diretamente no que diz respeito mídia impressa feminina pode estar afetando ou propiciando mudanças no comportamento amoroso e sexual na contemporaneidade, na construção do sujeito- sexual das mulheres brasileiras.

Como fora exposto anteriormente, naquilo que diz respeito as revistas femininas pesquisadas nesta monografia Criativa e Nova, poderes e perigos que ficaram evidentes em uma das nossas atividades junto as professoras queimadenses, na qual construímos um recurso bibliográfico: os clippings. A grande maioria, optou por matérias que se fundamentavam em saberes biológicos, já que nas matérias era um em os especialistas em sexo (médicos-sexólogos e psicoterapeutas sexuais), que respondiam às dúvidas, ou discursava sobre algo ligado à sexualidade que se fundamentavam em saberes médicos- científicos sobre sexualidade. Esta busca por tais conhecimentos nos trouxe a idéia de que esses discursos influenciam na construção dos sujeitos sexuais das professoras, ainda mais que sabemos que essas revistas são tomadas como base para o conhecimento sobre o sexual pela maioria das jovens professoras pesquisadas por Reis.⁴⁰

Portanto, não é uma mera coincidência que os especialistas em sexo, médicos sexólogos, sejam os autorizados a responderem as perguntas sobre sexualidade das leitoras. Eles estão pautados sob a égide da Ciência Biológica, de sua racionalidade, situando-se no que apontamos inicialmente entre aqueles que trabalham pedagogicamente a *scientia sexualis*. Mas será que a sexualidade pode ser reduzida a "esfera biológica"? Emoção e prazer devem

⁴⁰ In: REIS, op. cit. 2002

ser desconsiderados, postos para fora como descolados dos sabres sexuais e da vida das pessoas?

Tal fato, convida-nos a (re)pensar que mesmos os saberes legitimados por uma ciência "racional", muitas vezes, não respondem há alguns questionamentos, pois tais saberes deixam de fora uma série de conhecimentos e/ou práticas sociais que não se inserem em um conhecimento científico, que legitimam discursos muitas vezes como verdades únicas e universais. Esses discursos biológicos não retratam o contexto sócio-cultural em que o sexual se inscreve, pois trazem consigo conhecimentos da biologia reprodutiva, como se emoções, anseios e busca de verdades sobre corpos e mentes ali não estivessem presentes.

Desta forma, é pertinente reconhecermos que esses discursos sexuais são formuladores de verdades e que as instituições vigiam o seu aparecimento, como nos alerta Foucault (2003), pois, nos auxilia compreender que muitas vezes essas verdades passam a compor os discursos educacionais "racionalis" e as práticas das nossas professoras.

Assim, podemos perceber ao longos dos nossos encontros que a *ars erotica*, em que prevalece a preocupação com o prazer e a subjetividade são desconsideradas pelas narrativas das professoras queimadenses. Mas, a *scientia sexualis*, que valoriza o discurso científico e a preocupação com a reprodução, afirmando o lugar da disciplina no disciplinamento do corpo, se assemelha aos testemunhos das professoras pesquisadas.

É importante ressaltar, que as revistas femininas pesquisadas, não disponibilizam um discurso monolítico, mas uma pluralidade de discursos que, no espaço midiático, ganham visibilidade propondo definições da realidade, por vezes concorrentes, por vezes contraditórias. Essas mesmas revistas usam o sexo e corpos apolíneos como o chamariz principal das suas respectivas capas, que "vendem" juntamente técnicas e sugestões para melhorar a performance, *com conselhos*⁴¹ e *segredos*. Desta forma, esse setor da mídia

⁴¹ In: MORIN. *Cultura de Massas no Século XX - o espírito do tempo 2: necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

imprensa estimula a *vontade de saber*⁴², onde os dispositivos de poder sobre sexualidade atuam como mecanismos articulados em rede disciplinando corpos e mentes da mulher; visando obter um determinado fim, ou seja, o controle sobre os saberes do sexo do indivíduo e da sociedade, ou seja, liberando para controlar. E, é nas mãos dos leitores, por meio de sua interpretação e desdobramentos pessoais, que a negociação dos saberes e significados se completa.

Dessa maneira, os significados são abertos e desarticulações e/ou novas ligações sempre podem ser feitas. As pessoas, ao receberem esses discursos sexuais, assumem a posição esperada ou a rejeitam e tentando encontrar posições alternativas, pois podem mudar assim a qualidade de sua existência a partir das alterações em seu movimento no mundo, isto é, sua motricidade. Como nos disse, o escritor, o roteirista, reafirmo o autor Charles Chaplin, “não sois máquinas, homens é que sois”.

Eugênio Bucci⁴³, nos traz, algumas reflexões acerca dos variados contextos em que as relações humanas se (re)constrõem em uma multiplicidade sentidos e conhecimentos, narrando os sentimentos, as emoções e relações de uma vida, onde germinam contradições, alegrias, tristezas, certezas, incertezas, lutas e conquistas. Assim, escreve o colunista do JB, de onde retiro a parte adequada à reflexão:

(...) Parecia coisa planejada por algum mestre do entretenimento. E não era. Era apenas o mundo real, o mundo cão, celebrando sua apoteose: agora com um roteiro magistral. Mas quem é o autor desse roteiro? Não é ninguém e, ao mesmo tempo, somos todos nós. Eu digo o autor desse roteiro é (...) a indústria do entretenimento, com seus longas metragens de troteios e heróis sádicos (...) o mercado histórico das celebridades, os milionários e famosos conduzem suas existências com andamentos grandiloquentes e lacrimosos: casamentos publicitários; adultérios eletrificantes, divórcios sensacionais; bebedeiras, cirurgias plásticas, Aids, câncer, festins, evasão de divisas, a religião vira uma feira lisérgica, o crime compensa e dá notoriedade.(...) A mídia é o Coliseu (...) o público já não é apenas platéia passiva: é o exército de reserva do coliseu pronto a entrar em cena a qualquer instante.(...) basta a câmera apontar sua objetiva para que os comuns do povo caiam aos prantos nos enterros dos ilustres.

⁴² In: FOUCAULT, op. cit. 2003.

⁴³ Publicado no Jornal do Brasil de 31/08/01, sob o título “Quem escreveu esse roteiro”, em que reflete o caso Abravanel (família Silvio Santos) e o articula à força da mídia nos dias atuais. In: REIS. *Lógicas dos Sentidos, Sexualidade e Educação de Gênero: Questões Nascentes*. Semana Nietzsche-Deleuze. O Devir Mestre – Entre Deleuze e a Educação. UERJ, 2004.

É, por intermédio desse *mundo real, mundo cão*, como destaca Bucci, que encontro nas teses contidas em *História da Sexualidade* de Foucault os instrumentos para melhor defender a hipótese de que a sexualidade, conhecimento, relações de gênero e poder, devem constituir a base dos currículos para a formação docente, como defende Reis (2002), na medida que as verdades pregnantes nas proposições, nas palavras, nas coisas, nas imagens, nos acontecimentos, na ironia, nas singularidades, nos esquecimentos, nas multiplicidades e nos demais elementos que existem como um modo de co-presença nas memórias e nas narrativas das mulheres-professoras em formação, sujeito das minhas pesquisas, indicativos de que a sexualidade e as relações entre os gêneros, nos trazem a necessidade de investir na formação continuada das professoras trazendo como foco de trabalho a sua própria sexualidade e a investigação pelas mesmas dos mecanismos que as construíram enquanto sujeitos sexuais. Assim, abriremos “caminhos” (possibilidades) para a construção de uma outra perspectiva de formação docente que possibilite a inserção de enunciações e práticas educacionais atualmente postas para fora do discurso pedagógico e alijadas do cotidiano de nossas escolas.

Mesmo sem ter muita certeza daquilo que escrevi até aqui, visto que a verdade é sempre relativa a quem olha e ao lugar onde se olha, e mais, que o que até então denominávamos como objeto, nos olha interagindo conosco e direciona nosso olhar, influenciando sobre o que vemos.

É parece que Heisenberg estava certo quando falava do princípio da incerteza. É o que nos resta e que nos arrebatada da arrogância das certezas para o rico mundo da incertezas, das dúvidas, do devir a ser de Deleuze, quase sempre imprevisível.

Uma questão que agora se coloca: Viver é imprevisível? É, na medida que, a vida é um resultado de uma permanente tensão entre processos de interação, de organização, e de desorganização, de ordem e de caos, em um processo dinâmico de permanentes mudanças: *ser e devenir ...*

Referências Bibliográficas

- ALAMBERT, Zuleika. *Feminismo. O Ponto de Vista Marxista*. São Paulo: Nobel, 1986, 131p.
- ABRAMOVAY, M. ; Castro, M. G. ; SILVA, L. B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: Gabriel Cohn (org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- BABO, T. *Análise de discurso de leitoras de revistas femininas*. Trabalho não publicado, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *A origem é o alvo*. Magia e Técnica, Arte e Política, 1993.
_____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense: 1993.
- BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRIGGS, J. ; PEAT, F. D. *Espejo y reflejo: del caos al orden*. Barcelona: Gedisa, 1990.
- BUITONI, D. S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- CAIAFA, Janice. *Mídia e poderes*. Comunicação & Política, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.73-88, 1994.
- CORRÊA, M. V. Sexo, Sexualidade e Diferença Sexual no discurso Médico: algumas reflexões. *A Sexualidade nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CORTEZ, M. C. ; SOUZA, C. de. Sexo é uma coisa natural ? A contribuição da Psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: GROPPA AQUINO, J. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e praticas*. São Paulo: Summos, 1997. p. 11 - 24.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- DEL PRIORE, Mary. *Corpo a Corpo com a Mulher*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 142p.
- DURAN, R. L.; PRUSANK, D. T. Relational themes in men's and women's popular nonfiction magazine articles. In: *Journal of Social and Personal Relationships*, n. 14, p. 165-189, 1997.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.
- _____. *Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 9 ed., 2003.
- _____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Ed. Graal: 1990.
- _____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Ed. Graal: 1988, 5ª edição.
- _____. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Ed. Graal: 1985, 3ª edição.
- _____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. 11ª. Petrópolis, Vozes, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
- _____. *A Educação na cidade*, São Paulo: Cortez, 1991.
- GARFINKEL, H. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1967.
- GAUDENCIO, Paulo. Conversa com Dr. Gaudencio. *Revista Nova*, São Paulo: Ed. Abril. Junho 2001. Sessão Mais, p. 59.
- HAZE, D. (1995). As 10 Armas Secretas de uma Sedutora. In *Nova/Cosmopolitan*. Ano 23 (06). São Paulo: Abril, p. 144 -147.
- HEBERLE, V. M. (1996). *Análise Lingüística de Editoriais de Revistas Femininas*. In Anais Fazendo Gênero -Seminário de Estudos Sobre a Mulher. Ponta Grossa: Centro de Publicações - UEPG E UFSC. p. 138-143.
- HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: Articulação das mulheres brasileiras. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 40 - 58.
- HEISENBERG, Werner. *Páginas de reflexão e auto-retrato*. Lisboa: Gradiva, 1990.
- HEILBRUN, Carolyn G. *The Education of a Woman: The Life of Gloria Steinem*. New York: Dial Press, 1995.
- MATURANA, H. ; VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Psy, 1995
- MENDEL, Gregor. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/biologia/primeira.htm>. Acesso em: 10 set. 2004.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX – o espírito do tempo 2: necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

NABUCO, C. Medidas Extremas in: *Nova Beleza* n°25, São Paulo: Ed. Abril, agosto/setembro de 2000.

NÓVOA, Antonio (org). *Vidas e Professores*. PORTO: Porto Editor, 1992.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PARKER, R. ; BARBOSA. R. M. *Sexualidades Brasileiras*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA/UERJ/IMS, 1996.

PORTOCARRERO, Vera (org.). *Filosofia, História e Sociologia das Ciências - abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro , Editora FioCruz, 1998.

REIS, M. A de S. *(Re)Invenção da escola pública: a sexualidade na formação da jovem professora* . Tese de Doutorado. UFF. 2002.

_____. *Lógicas dos Sentidos, Sexualidade e Educação de Gênero: Questões Nascentes*. Semana Nietzsche-Deleuze. O Devir Mestre: Entre Deleuze e a Educação. UERJ, 2004.

ROCHA, E. P. G. *Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da & SERRES, M. *Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SILVA, J. M. *Leitoras de revistas femininas: repensando estereótipos*. Dissertação de mestrado, UFPE, 1996.

STEINEM, G. "Sex, Lies and Advertising" in: DINES, G. and HUMEZ, J. *Gender, Race and Class in Media – a text-reader*. London, Sage, 1995.

STONE, I. F. *O julgamento de Sócrates*. São Paulo : Editora Schwarcz Ltda. 1999.

WILLEMSSEN, T. N. Widening the gender gap: teenage magazines for girls and boys. *Sex Roles*, 38, p. 9 - 10, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *The long revolution*. Londres: Penguin, 1985.

Anexos

Oficinas pedagógicas em curso com as professoras queimadenses



*Integrantes que fazem/fizeram parte do grupo de pesquisa e extensão
coordenado pela professora Dr^a Maria Amelia de Souza Reis*





UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Luciana de Moura

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Obras e Pedagogas na Construção do Sujeito Sexual-Professoras: Uma Análise Crítica da Educação Sexual nas Revistas Femininas Adultas

ORIENTADOR : Maria Amélia G. de Souza Reis

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Maria Cleo

Nota : 10,0

Considerações:

Parabéns! monografia muito bem escrita, com um aprofundamento teórico que vai além das exigências para um aluno de graduação. O tema é bastante relevante, pois, trata-se de um assunto que merece ser investigado, refletido e publicizado por todos aqueles que fazem da

pesquisa, ^{não um} dilettantismo, mas, acreditam que através dela pode-se contribuir para um mundo mais crítico, algo tão necessário para o ofício de educador.

Segundo avaliador :

Professor orientador : _____

Nota: _____

Considerações:

_____ Avaliar... como é difícil tal tarefa. É como julgar, precisar o
_____ desenvolvimento do outro em seus movimentos por conhecer. É impossível
_____ como impossível é o *in-signar*, o educar como diria Freud, mas o sistema
_____ educativo assim o reclama e, cá estamos nós, a tentar avaliar conhecimentos
_____ apreendidos como se isso fosse possível.

_____ Início a avaliação da monografia de final de curso de *Luciana de*
_____ *Moura*, com o maior prazer em ver cumprida uma tarefa das mais
_____ edificantes, a de ter conseguido levantar o astral para o curso, dessa aluna,
_____ que vêm crescendo e se destacando como estudante das artes de ensinar e
_____ com pesquisadora de uma temática relevante: a **sexualidade e a mídia**.

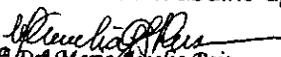
_____ O interesse de Luciana pelos assuntos escolhidos têm sua origem no
_____ trabalho extensionista, para logo depois transformar-se em seu sub-projeto
_____ de pesquisa, realizado junto as professoras e orientadoras pedagógicas do
_____ Município de Queimados. Trabalha com a memória trazendo ao cenário da
_____ pesquisa as teses de Benjamin e a problemática dos discursos e sua ordem
_____ capitalista presente nas teses de Foucault, direcionando suas reflexões
_____ para os discursos educativos produzidos pelas revistas femininas modernas,
_____ lugar da ordem educativa sobre o sexual para as jovens que o querem
_____ conhecer.

_____ ***Dobras e Redobras na Construção do Sujeito Sexual-
Professoras: Uma Análise Crítica da Educação Sexual nas Revistas
Femininas Adultas***, é o título de seu trabalho monográfico, pleno em buscas
teóricas e metodológicas afinada à temática.

_____ Entre os conceitos de prazer e disciplinação transita pelos meandros
das concepções sobre o sexual que as professoras pesquisadas trazem em
si. Revisita suas próprias memórias de estudante e adolescente e, de lá, traz
a certeza do quanto a escola é orientada para os disciplinamentos,
principalmente dos corpos e mentes.

_____ Chega à história da mídia impressa no Brasil e destaca o quanto de
saberes e poderes sexuais esta se investe, analisa os discursos aí
produzidos e descobre a docilização dos corpos promovidos por elas

_____ Como é possível verificar, lendo a monografia de Luciana, vemos seu
empenho em bem fazer seu trabalho de sistematização investigativa. Pelo
exposto e pelos avanços conquistados pela aluna no campo do ensino, como
da extensão, da pesquisa e pelo excelente trabalho apresentado, minha nota
é dez(10,0).


Prof.ª Dr.ª Maria Amélia Reis

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Ligia Martha Coelho

Nota : 10,0

Considerações:

Trabalho adequado, formalmente, às principais normas da ABNT.

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10,0	10,0	10,0	30,0	10,0

Rio de Janeiro, 15/03/2005

L.M. Coelho